



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC
Curso: Comunicação Social - Jornalismo
Orientadora: Fernanda Martineli

Pixação: dinâmicas de comunicação da rua

Lorena Rodrigues Soares

Brasília, novembro de 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC
Curso: Comunicação Social - Jornalismo
Orientadora: Fernanda Martineli

Pixação: dinâmicas de comunicação da rua

Lorena Rodrigues Soares

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharela.

Brasília, novembro de 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC
Curso: Comunicação Social - Jornalismo
Orientadora: Fernanda Martineli

Membros da banca examinadora

Professora Dra. Fernanda Martineli
Presidenta da banca

Professora Dra. Liziane Guazina
Convidada

Professor Dr. Pedro Russi
Convidado

Professor Dr. Tiago Quiroga
Suplente

Agradecimentos

À minha orientadora Fernanda Martineli pela paciência e generosidade com que compartilhou essa caminhada de aprendizado comigo, nos últimos anos. Sua calma e dedicação foram definitivas para a realização dessa pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho, em especial às minhas chefes Karla Bento de Carvalho e Marli Alves de Moura, pela compreensão com minhas ausências. Sem esse apoio, a graduação, talvez fosse um sonho um pouco mais distante.

Aos meus informantes que compartilharam suas histórias de vida, principalmente a Sandrão*, que me inseriu nesse universo da pixação e pacientemente me acompanhou e me ensinou a cada nova entrevista. Espero que nossos vínculos de amizade e respeito se mantenham.

Agradeço ainda ao professor e guia espiritual, nas horas vagas, Nilton José dos Reis Rocha pelas sábias lições durante a minha passagem pela Universidade Federal de Goiás.

Aos amigos e amigas que me fizeram rir de mim mesma quando o desespero bateu.

Ao Hugo, pelo carinho dedicado a mim em todos os momentos de nossa caminhada até aqui.

A todos os familiares que me ajudaram durante o percurso.

À minha mãe Lúcia, pelo amor incondicional e os abraços reconfortantes.

* Nome fictício para preservar a identidade do informante.

Resumo

Este estudo trata da pixação com “x”. Assumir a grafia das ruas em um trabalho acadêmico, em contraponto à definição dicionária com “ch”, é uma decisão política que embasa o reconhecimento do objeto a partir do lugar de fala dos sujeitos que exercem esta prática. Mais do que entender esse fenômeno como contravenção, desordem e/ou poluição das cidades, a abordagem desta pesquisa tem como foco a construção social da pixação, compreendida aqui como um espaço de interação simbólica, de comunicação e expressão. A pesquisa de campo, de inspiração etnográfica, investiga as relações e os conflitos que fazem parte do cotidiano das gangues de pixação do Distrito Federal e como estes conflitos estão permeados por contextos diversos de interação com outros grupos e com a cidade. Para tanto, considero os texto-pixação como elemento comunicativo e, a fim de compreender suas dimensões, estabeleço um diálogo interdisciplinar entre os campos da comunicação e das ciências sociais.

Palavras-chave:

Pixação, Comunicação, Desvio, Cidade

Abstract

This study addresses the pixação with " x ". Assume the spelling of streets in an academic paper, in contrast to the dictionary definition with " ch " is a policy decision that supports the recognition of the object from the place of speech of subjects engaged in this practice. More than understanding this phenomenon as a misdemeanor, disorder and / or pollution of cities , the approach of this research focuses on the social construction of pixação, understood here as a space of symbolic interaction, communication and expression. The field research, with ethnographic inspiration, investigates the relationships and conflicts that are part of everyday pixação's gangs of the Federal District and how these conflicts are permeated by different contexts of interaction with other groups and with the city . For both, I consider the text-pixação as a communicative element and, in order to understand its dimensions, establish an interdisciplinary dialogue between the fields of communication and social sciences.

Key Words:

Pixação, Communication, Deviance, City

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - entendendo a pixação	17
Conceitos e referenciais metodológicos	18
Dos passos em campo	25
CAPÍTULO II – significando a cidade	30
A cidade reescrita: paredes que dialogam	33
A percepção do espaço no Distrito Federal	37
Construindo territórios	42
CAPÍTULO III - sobre gangues e galeras	51
Gangueragem	55
O pixador como <i>outsider</i>	60
Mídia e discurso social	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
GLOSSÁRIO	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga as dinâmicas em torno da pixação no Distrito Federal, tendo como base histórias de vida de sujeitos que seguem atuando ou que já atuaram, mas abandonaram a prática. A análise tem como foco as relações estabelecidas no contexto jovem-pixação-cidade, considerando a geografia urbana marcada pelos rabiscos de *spray*, segundo termos dos próprios pixadores; a constituição social e forma de organização dos grupos de pixadores, e relação entre pixadores e sociedade que pode se estabelecer a partir de conflitos de interesses ou situações de desigualdade.

A partir dos relatos e vivências dos sujeitos que dão vida e significado a essa prática, surge a primeira pergunta da pesquisa: pichação, pixação, pixo ou pinchação? São muitas as formas de nomear essa atividade e, ao longo desta pesquisa, a definição dicionária com “ch” não convergia com a grafia usada pelos informantes. Por isso, ao redigir o texto assumo a escrita com “x”, e o faço com base em duas perspectivas. A primeira delas é metodológica. Reflito a partir de uma categoria nativa, compreendendo-a como representativa para o estudo dos grupos de pixadores. A segunda é uma decisão de caráter político, embasando o reconhecimento e a legitimidade da expressão que emerge de uma prática e comunica o lugar social de um grupo, o que implica considerar que a forma como nomeamos as coisas e as práticas estruturam relações de poder (HALL, 2006).

A fim de compreender a pixação como um fenômeno cultural típico do ambiente urbano e pleno de complexidades, me aproximei de referenciais das ciências sociais, especialmente do trabalho dos autores Howard Becker, Erving Goffman e Willian Foote Whyte¹ e seus estudos sobre desvio e a urbanidade. Para isso, além de pesquisa bibliográfica sobre o tema, realizei uma pesquisa em campo de inspiração etnográfica, bem como entrevistas em profundidade com informantes que integram grupos de pixadores. Além disso, parti da minha própria observação cotidiana, já que estou eu mesma inserida na paisagem visual urbana que aqui estudo.

A motivação para esta pesquisa surge, inicialmente, da curiosidade diante do grupo de pixadores que ‘pintou’ as paredes do segundo andar do pavilhão da Bienal de São Paulo, em 2008. As paredes em branco, proposta da mostra “Em vivo contato”,

¹ Mesmo com uma gama diversa de estilos e propostas metodológicas, esses autores tiveram destaque nos estudos da Escola de Chicago, que teve como objeto privilegiado de investigação a formação de grupos e a organização fragmentada das cidades modernas. No contexto desta pesquisa, isso se relaciona diretamente com o objeto estudo, no caso a pixação, e com o contexto primordial para sua prática: a cidade. Utilizo como referências os estudos e as acepções metodológicas desta Escola, a fim de aprofundar a investigação das relações estabelecidas entre objeto, contexto e sujeitos praticantes.

acabaram sendo ocupadas pelas letras pixadas. O saldo foi a prisão da jovem Carol Pivetta e a repercussão do tema na mídia:

No primeiro dia da 28ª Bienal de São Paulo, um grupo de cerca de 40 pichadores invadiu na noite de domingo (26) o pavilhão no Parque do Ibirapuera, na Zona Sul de São Paulo, e pichou parte de seu segundo andar - que, nesta edição, está propositalmente vazio. Eles picharam as paredes com as frases: 'Isso que é arte', 'Abaixa a ditadura', 'Fora Serra'. Além dos nomes das gangues, como eles mesmos se denominam, 'Susto', '4' e 'Secretos'. (portal G1, 27/10/08, disponível em: <http://migre.me/hacLX>)



Figura 1 – Pixação no segundo andar do Pavilhão do Parque do Ibirapuera durante 28 Bienal de São Paulo

Nesta repercussão a pixação manteve-se no campo da discussão policial nos meios de comunicação, em enquadramentos que privilegiavam a associação com sujeira visual e/ou o envolvimento dos participantes com atividades ilícitas. Mas para além dessas questões, e sem o intuito de negá-las por completo, concentro-me aqui na pixação como um fenômeno de produção material e simbólica ou como um *fato social total*, nos termos de Marcel Mauss (2011), que engloba fenômenos capazes de mobilizar campos diversos.

Parto desta perspectiva para estudar a pixação pois percebi a sobreposição de várias camadas de significado em sua caracterização e também em seu contexto. Compreender a prática em sua complexidade trouxe alguns desafios metodológicos que são tema do primeiro capítulo. Além de considerar a existência de um processo

comunicativo tanto nas paredes pixadas quanto na lógica de organização dos grupos, foi importante para o desenvolvimento desta pesquisa investigar a construção social do objeto a partir do lugar de fala dos próprios pixadores. Essa mirada metodológica implicou uma interlocução constante entre o campo da comunicação e outros campos de conhecimento, como a antropologia e a sociologia.

Ao longo do segundo capítulo traço uma discussão que trata da dimensão eminentemente territorial da pixação, relacionada com as práticas cotidianas na e da cidade e as estruturas sociais hegemônicas tanto quanto aquelas que se estabelecem nas gangues. Isso porque, assumo a perspectiva de que a formação das cidades e a participação dos sujeitos nessa construção se relacionam com a maneira como organizamos o tecido social, fato que finalmente reflete na articulação ente o indivíduo e a coletividade.

Para refletir acerca destas questões, o conceito de *paisagem visual* problematizado por CAMPOS (2009) é central nesta pesquisa. O campo de investigação inicialmente observado foi Ceilândia, a maior e mais populosa Região Administrativa (RA) do Distrito Federal (DF), onde um grande número de gangues de pixação se concentram. A região é um caso exemplar do processo de ocupação territorial do DF e se caracteriza pelas dificuldades de mobilidade urbana, acesso a serviços e também pela distribuição desigual de postos de trabalho.

Apesar de um roteiro inicial, ao longo das entrevistas e vivências foi possível perceber que a pixação desenha novas territorialidades também para a investigação, e que estas se inscrevem no campo do imprevisível, pois emergiram como categorias nativas à medida que a pesquisa era realizada.

No terceiro capítulo são discutidas a identidade individual e o pertencimento a grupos com organização particular e projeção social própria, aqui referenciados como gangues. O termo, que no contexto deste trabalho emerge como categoria nativa, é utilizado aqui para descrever grupos de jovens (em sua maioria) que compartilham hábitos e estilos de vida em função da pixação. Cabe destacar, no entanto, que é um termo em disputa, dentre os informantes. Alguns falam destes grupos como “galeras”, mas o que pude perceber em campo é que gangues e galeras representam diferentes formas de associação de acordo com as atividades exercidas por seus membros. Neste caso, atos de violência ou mesmo a expansão do grupo para além dos limites de bairros ou ruas podem ser determinantes, conforme discussão que será traçada posteriormente

a partir do que me foi trazido pelos informantes e também pelas categorias de autores como ZALUAR (1997) que diferenciam essas formas organizativas. Ressalto ainda que o termo “grupo” como uma reunião de coisas ou pessoas num todo, quando tratar de várias gangues ou de categorias que não se apliquem apenas aos pixadores.

Além dos termos, a busca pelo pertencimento a um grupo também manifesta a inquietude pela projeção individual. Cada pixador cria sua *tag* (*do inglês: etiqueta; marca*), que são assinaturas nascidas de seus apelidos de rua. Estes fazem parte da iniciação nas gangues de pixação e são a forma como o indivíduo deseja ser conhecido entre seus pares. Ao lado das assinaturas devem estar as iniciais de sua gangue: Grafiteiros do Distrito Federal (GDF), Legião Unida pela Arte (LUA), Grafiteiros Sem Lei (GSL), etc. Assim, munido de spray e adrenalina, ele passa a assinar a cidade .

Cada quadra é um território a ser conquistado e defendido por esses grupos e, aos poucos, a tinta preta ou colorida se mimetiza com a paisagem urbana, sendo, por vezes, impossível dissociá-los. No campo simbólico nota-se uma densa troca ligada à oposição entre a busca de fama e o anonimato que se deve preservar devido à ilegalidade da atividade.

Mas, além da percepção que tem de si e do grupo, os pixadores também se relacionam com os discursos externos à prática e uma das maneiras de perceber os possíveis conflitos que se estabelecem nos campos simbólico e político, é uma análise dos enquadramentos da mídia feitas ao final deste capítulo, pois estes tendem a reforçar suas diferenças em relação ao grafite, bem como seu caráter de infração. A abordagem normativa dos meios de comunicação representa, na maior parte do tempo, um discurso social exterior à atividade que se coloca contrário a ela, sem compreendê-la como fenômeno social expressivo. As abordagens apreendidas de reportagens selecionadas de diferentes meios (jornal, revista e televisão) repetem o discurso das autoridades e não dialogam com os jovens pixadores, com raras exceções.

Outra questão importante em relação a abordagem da mídia trata da comparação entre a pixação e o grafite, na tentativa de denegrir a primeira. No entanto, além dessas duas manifestações, são diversas as formas de ocupar paredes, portas, fachadas e muros. Nos centros e bairros da maior parte das cidades é possível ver uma profusão de alfabetos emaranhados, cores e *stickers* (*do inglês: adesivo*). Cada uma dessas manifestações assume estéticas e contornos próprios, como explicitam Janaína R.

Furtado e Andéia Vieira Zanella, especificamente sobre a tensão entre pixação e grafite no Brasil:

o *graffiti* e a pichação entram na cena urbana e ali ora se amalgamam ou se diferenciam de suas variadas manifestações, conforme os grafiteiros e/ou pichadores significam o seu fazer e a relação desse fazer com o modo como essas mesmas atividades foram se constituindo no contexto específico do Brasil (FURTADO e ZANELLA, 2009, p. 140, grifo do autor)

Seguindo a mesma perspectiva das autoras esta pesquisa se posiciona contrária à rigorosa diferenciação, entendo grafite, pixação e tantas outras práticas como manifestações que tem uma origem comum no desejo de se fundir ao espaço criado nas metrópoles. Ainda assim, é importante notar que cada uma delas tem impactos sociais distintos. Enquanto o grafite se apresenta como uma manifestação de complexidade estética e se coloca nas discussões sobre arte urbana, nos termos da Lei a pichação (nesse caso com “ch”, por tratar-se de termo utilizado legalmente) é enquadrada como crime. Dessa maneira, são estabelecidos lugares sociais distintos, não só para as manifestações, mas também para quem as pratica. Sobre isso, Pedro Russi Duarte afirma que

Os *graffitis* e pichações advém da mesma raiz e contextos similares, porque são formas de apropriação, de tratamento e manuseio dos espaços urbanos, com intenção de que os “becos” vivam os excessos-chaos, tensões, por eles procurados. Mas o termo pichação parece ontologicamente inscrito no conceito de despeito, delito, reacionário, mas considerando-a dentro do contexto geral do *graffiti* (grafitar, gravar). Já o *graffiti* vivencia uma domesticação que o transforma em arte (inserindo em museus, programas de TV...) em contraponto ao primeiro. Pode-se observar que no decorrer do tempo as leituras sobre ambas caminham em direções opostas. (DUARTE, 2013, p 46-47, grifo do autor)

O informante Branco também comenta a relação de grafite e pixação: “Grafite e pixo é a mesma coisa, porque grafiteiro tem que assinar e, assinatura de spray é *tag*. *Tag* é pixação.” Essa afirmação evidencia que, embora sigam caminhos distintos, tanto o grafite quanto a pixação tem origem comum, sobretudo no anseio de deixar um traço nas paredes, evidenciando a projeção de seus autores como sujeitos ativos da paisagem visual urbana.

O grafite é valorizado socialmente como uma forma de tirar jovens de situações de marginalidade, enquanto a pixação é marginalizada e descrita como uma forma de acesso ao tráfico, ao porte ilegal de armas e à participação em gangues, caracterizando-se, nesses termos, como uma atividade *desviante* por infringir alguma regra ou padrão de comportamento hegemônico, nos termos de BECKER (2008). A concepção de desvio do autor faz parte de sua *teoria da rotulação* e se relaciona com a ideia de acusação, segundo a qual o comportamento desviante nasce das interações entre indivíduos e grupos. Estes atores podem acusar outros de estarem rompendo padrões estabelecidos para determinados contextos socioculturais.

Várias nuances podem ser observadas pois o papel de desviante e normal pode se inverter ou recair simultaneamente sobre um mesmo grupo. Nesse caso, as relações de poder e a constituição de padrões de autoridade ou hegemonia podem ser determinantes.

Um caso ilustrativo é o projeto do Governo do Distrito Federal (GDF) *Picasso não Pichava*, que propõe oficinas de grafite em escolas públicas da região, bem como a inserção de jovens identificados como pixadores nestes cursos, a fim de recuperá-los a partir de uma percepção de que eles devem ser reinseridos socialmente.



Figura 2 – Logomarca do projeto “Picasso não Pichava”

Para trilhar esse complexo caminho de inspiração etnográfica sobre o pixo, traço uma relação do contexto urbano como cenário privilegiado para a pixação, no primeiro capítulo. As paredes que podem ser ocupadas e disputadas por pixadores e grafiteiros, também são o suporte de códigos que alimentam um fluxo comunicativo, que podem ser compreendidos de maneira diversa. O repertório dos pixadores lhes permite decodificar letras e mensagens com facilidade, como afirma o informante Flecha:

Eu consigo, por exemplo, fazer uma carta na cadeia toda pixada, que o policial não consegue ler. Mas um amigo meu, que tá lá dentro do sistema, que já passou pela pixação consegue ler ela todinha. Eu posso falar muitas coisas. Como eu posso chegar aqui escrever uma frase, uma carta nessa parede, que talvez você não consiga ler, mas Sandrão vai ler com certeza. É comunicação, né.

Ainda que eu não conseguisse ler aquele código descrito por Flecha, interpretaria o texto a partir de minha referências, assim como tantas outras pessoas que, ao se depararem com pixações em diversos locais da cidade se posicionam diante delas a partir de seus valores, fazendo leituras mais progressistas, conservadoras, acusatórias.

Assim sendo, enxergo o pixo como manifestação cultural inserida em um contexto específico, mas não isolado a ele, na medida em que pode provocar o diálogo com outros setores sociais a partir da perspectiva de acusação já citada. Sendo assim, compreendê-la significa também se aproximar dos sentidos produzidos coletivamente pelas dinâmicas urbanas e refletir criticamente sobre eles.

A partir dessa perspectiva, entende-se a pixação como código e estética comunicativa. Código dentro do contexto das gangues, que ao produzi-la tornam os muros espaços de escrita e leitura; estética, pois produz sentido eminente, ainda que os significados apreendidos sejam distintos para cada leitor. Um discurso hegemônico desqualifica a pixação colocando-a como imagem desagradável ligada à criminalidade, à destruição do patrimônio público e da ordem urbana de limpeza. Mas aqui opto por assumi-la como modo de vida envolvido, simultaneamente, por códigos de grupo e pela busca da expressão individual. Assim, ao mesmo tempo que representa um esforço na busca pela linguagem comum de um grupo, a pixação desenha e redesenha a paisagem e as possibilidades do sujeito diante dela por meio de sua tipografia. Nesse sentido, Fonseca afirma que

o SPRAY é uma reivindicação ideogrâmica e de maior liberdade no uso das palavras, por isso acontece num momento de crise da linguagem, em torno de escalas (...). ele é um fenômeno tipicamente urbano. Um singular pensamento prismático que insere sistematicamente nas paredes diversas informações. Quebra da linearidade formalista e pouco criativa (...) em busca da INVENÇÃO.” (FONSECA, 1980, p.72, grifo do autor)

O espaço é concorrido, as paredes ficam cada vez mais apertadas diante do fluxo de comunicação e expressão marcado pelo *tsssss* dos sprays, e a cidade se consolida como espaço de diálogo e de conflito. São comuns envolvimento com outras atividades ilícitas, como o porte de armas, *guerras* entre gangues, prisões, mas também histórias de busca por um espaço de socialização. Registra-se, na fala dos informantes, um anseio em reverberar o discurso de jovens de periferia que vêem na pixação uma possibilidade de expressão, fama e projeção.

Por último ressalto que, para preservar a identidade dos informantes utilizo nomes fictícios para identificá-los neste trabalho. Ainda que todos tenham fornecido informações vinculadas a suas assinaturas como pixadores, e tenham sugerido que eu me referisse a eles através delas, faço esta opção como medida para assegurar seu anonimato.

CAPÍTULO I

entendendo a pixação

1.1 Conceitos e referenciais metodológicos

Esse capítulo trata dos desafios metodológicos enfrentados ao seguir o curso de meu objeto no decorrer da pesquisa. A abordagem, aqui, assume a perspectiva de *fato social total*, de acordo com Marcel Mauss. Como ressalta o autor,

(...) eles põem em ação, em certos casos, a totalidade da sociedade de suas instituições e, noutros casos, somente um número muito grande de instituições, em particular quando essas trocas e contratos dizem respeito, sobretudo a indivíduos. Todos esses fenômenos são ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos, e mesmo estéticos, morfológicos, etc.” (MAUSS, 2003, p 309)

Segundo a afirmação do autor pode-se aferir que o *fato social total* constitui um fenômeno abrangente que mobiliza setores diversos da sociedade e que podem ser concebidos e avaliados a partir de cada um desses aspectos. Portanto, enxergar a pixação a partir dessa categoria significa reconhecer a perspectiva jurídica e acusatória em relação ao tema como uma parte da ação em torno a ela, mas também compreender que existem dimensões sociais, culturais e políticas divergentes que podem se complementar para compreensão do tema.

Para estudar a dinâmica da pixação no Distrito Federal a partir de uma pesquisa de campo em comunicação, foi importante perceber a metodologia como um processo, um percurso mais aberto, e isso incluía constantes revisões sobre o caminho que estava sendo trilhado. Esses ajustes se davam justamente em função da própria percepção dos sujeitos envolvidos com a prática aqui investigada, bem como com o próprio contexto sociocultural em que se inserem.

Ao assumir a metodologia como uma etapa que é construída com a própria pesquisa, recorri a um olhar interdisciplinar sobre o tema e nesse caso, foi necessário realizar diálogos metodológicos entre os campos da comunicação e das ciências sociais. Um dos pilares deste trabalho é o reconhecimento da textualidade das pixações de muro que integram um processo comunicativo, mas também das dinâmicas de interação social produzidas no interior das gangues que alimenta esse fluxo.

Neste caminho, foi de extrema relevância observar os discursos da mídia a respeito da pixação, mas também foi importante assumir a noção de comunicação

estabelecida em nossa sociedade a partir de seu papel político e cultural na construção das percepções coletiva e individual. A comunicação de massa altera as relações sociais e a percepção da cultura, sendo apontada por autores com John B. Thompson (2001) como um dos elementos que participaram da formação das dinâmicas sociais, econômicas e culturais da sociedades modernas.

A inserção em campo exigiu a expansão das categorias analíticas, a fim de reconhecer a pixação como atividade permeada por complexas formas de sociabilidade. Sinalizo aqui três categorias analíticas que são centrais neste trabalho: 1) a questão das escolhas individuais e da manifestação da identidade; 2) a ação coletiva; e 3) a interação social.

Assim sendo, busquei inspiração nas pesquisas de caráter etnográfico. Foram realizadas diversas e constantes incursões em campo, e isto sinaliza para o caráter interdisciplinar desta pesquisa, de modo que este trabalho toma emprestadas, especialmente, categorias daqueles estudos produzidos pela Escola de Chicago mencionados na introdução.

A preocupação desse grupo heterogêneo de teóricos com o comportamento desviante e a formação de novas sociabilidades no meio urbano, norteiam grande parte da condução metodológica da pesquisa de campo e da forma de tratamento dos dados levantados nas entrevistas com pixadores, além de fornecer conceitos e categorias que permitiram a compreensão do fenômeno da pixação e da disputada arena social contemporânea.

Mais do que selecionar entrevistados, fui a procura de informantes e da delimitação de um campo/contexto que se relaciona dialeticamente com eles. Tendo como principal auxílio os estudos de Howard Becker (2008) e suas definições de desvio e rotulação, busquei a compreensão das dinâmicas de comunicação produzidas pelos grupos de pixadores em Brasília, bem como sua forma de organização.

A pixação é verbo, substantivo, imagem. Para onde quer que se olhe, nas grandes cidades, é possível ver nomes, recados, letras desenhadas, dentre tantas outras técnicas inscritas em muros, portas e marquises, ainda que não se possa decifrá-los por completo. Mas por onde começar a investigar esse fenômeno cultural e estético?

Uma análise dos meios deixaria de fora algumas complexidades desse processo que representa, ele mesmo, um fluxo de comunicação envolvendo a formação de

grupos, de códigos próprios e de sociabilidades imersas em um contexto de rapidez e transformações aceleradas das sociedades modernas.

É nesse ponto que a pesquisa de campo foi salutar, de modo que a aproximação e convivência com grupos de pixadores foi importante para perceber as categorias e sentidos através dos quais os indivíduos pertencentes a esses grupos vêem e se inserem no mundo. A análise dessas categorias, que apresento a seguir, são contextuais e tratam das informações às quais tive acesso durante a realização da pesquisa de campo, que durou quatro meses. Além disso, cabe destacar que, ainda que haja uma delimitação geográfica da pesquisa, o objeto em si extrapola esses limites e, dentro da perspectiva do fato social total, considero aqui a relação da pixação e do grupo de pixadores com diversas instituições sociais, bem como com outros temas.

Associada a essa pesquisa de campo que denomino aqui como uma vivência etnográfica, fiz uso da técnica de entrevista em profundidade, método comum às pesquisas qualitativas que, neste caso, viabilizou o acesso aos pixadores, de acordo com as parâmetros citados por Grant McCracken em *The Long Interview*:

O método pode levar-nos para o mundo mental do indivíduo, para vislumbrar as categorias e lógica pela qual ele ou ela vê o mundo. Ele também pode levar-nos para o mundo da vida do indivíduo, para ver o conteúdo e padrão da experiência diária. A longa entrevista nos dá a oportunidade de entrar na mente de outra pessoa, para ver e experimentar o mundo como o fazem eles mesmos. (...) Sem uma compreensão qualitativa de como a cultura se interpõe ação humana, podemos saber apenas o que os números nos dizem. A entrevista qualitativa longa é útil porque pode ajudar-nos a situar estes números em seu Contexto social e cultural mais completa. (McCracken, 1988, p. 9, tradução nossa)

E McCracken prossegue, afirmando ainda que

O objetivo da entrevista qualitativa não é descobrir quantos e que tipos de pessoas compartilham uma determinada característica. É para ganhar acesso às categorias e pressupostos culturais, segundo a qual uma cultura interpreta o mundo. (McCracken, 1988, p. 17, tradução nossa)

No caso desta pesquisa o problema não se trata de uma contraposição entre pesquisa quantitativas ou qualitativas, mas o ponto no qual dialogo com o autor diz respeito ao acesso às construções mentais e experiências dos pixadores, já que não

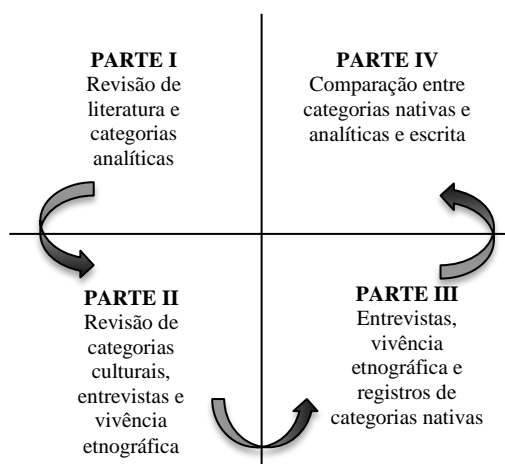
posso esse repertório simbólico tal como eles. Destaco ainda que assumo o contexto social do objeto como um campo repleto de recortes. Na tentativa de compreender e lidar com a diversidade de questões associadas ao tema, o foco da pesquisa recai sobre os processos de interação que permeiam o objeto, considerando a relação entre a cultura hegemônica e a cultura marginal.

Outro ponto importante do método da entrevista em profundidade trata do pesquisador como instrumento de pesquisa. A presença em campo altera a espontaneidade de algumas situações e nos coloca como sujeitos também ativos nesse contexto. Mas antes de antes de supor que isso poderia prejudicar o desenvolvimento da pesquisa, essa presença é assumida aqui como uma forma de diálogo que dá acesso a um complexo universo de informações. As próprias categorias já incorporadas por mim a respeito da pixação auxiliariam a busca por questionamentos sobre a experiência dos informantes, permitindo compará-las posteriormente. Como afirma Martineli:

Se a presença do pesquisador em campo interfere na definição de situação, a subjetividade, por sua vez, não deve ser encarada como falta de critério, e sim como uma tomada de consciência que possibilita incorporar essa questão como exercício reflexivo. (MARTINELI, 2012, p.44)

Para alcançar essa reflexividade em campo foi importante organizar tópicos e assuntos de interesse central da pesquisa que deveriam ser perguntados a todos os informantes e foram úteis como um guia, ao longo das etapas. No intuito de criar essa sistemática, dividi todo o processo de consecução dos dados em etapas, ainda que não tenha obedecido a elas de maneira regular em todo curso da pesquisa. Em determinados momentos algumas etapas se sobrepunham de acordo com a disponibilidade de informantes ou da necessidade de fazer nova revisão bibliográfica, por exemplo. Da mesma forma, o roteiro de perguntas poderia ser aos poucos alterado, na medida em que informações novas surgiam nos diálogos e entrevistas.

O quadro apresentado na página seguinte exemplifica as etapas seguidas durante o estudo e é uma adaptação de desenho encontrado no livro de Grant McCracken em *The Long Interview*, que se refere às etapas da pesquisa qualitativa.



Fonte: Quadro adaptado do livro *The long interview*, de Grant McCracken

A primeira etapa da concepção metodológica deste projeto foi uma pesquisa bibliográfica. São inúmeras monografias, dissertações, teses e livros que tratam do tema no Brasil e no exterior. Diante disso, busquei possíveis recortes para explorar a pixação em Brasília e, principalmente, categorias analíticas já construídas em torno a ela ou mesmo a outros objetos de observação, mas que poderiam se adequar para sua compreensão, ainda que de forma comparativa.

Na segunda etapa, observei os discursos sociais construídos por aqueles que não fazem parte de grupos de pixação, especialmente aqueles discursos veiculados através da mídia. Notícias em portais da internet, na televisão, no rádio e recortes de jornais apresentaram, pouco a pouco, um enquadramento a partir do qual os grupos de pixadores são tratados e compreendidos nesses meios. A percepção de seu comportamento como desviante se dá pelo choque com as regras de organização social hegemônicas, como elucida Howard Becker.

Se tomarmos como objeto de nossa atenção o comportamento que vem a ser rotulado de desviante, devemos reconhecer que não podemos saber se um dado ato será categorizado como desviante até que a reação dos outros tenha ocorrido. Desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele. (BECKER, 2008, p. 27)

No trecho acima Becker traz a percepção de que a noção de desvio se dá a partir da interação entre grupos de interesses distintos. Para perceber isso, também foi

importante “extrapolar” o desenho das entrevistas, fazendo dos encontros com os informantes uma forma de vivência etnográfica. O acesso às casas, a alguns familiares, aos álbuns de fotografia e de desenho também fizeram parte da observação e coleta de categorias nativas e da percepção de mundo dos pixadores.

Neste segundo momento também destaquei a captura do que McCracken chama de categorias culturais. Basicamente, seriam as percepções do senso comum em relação ao fenômeno estudado. Essas categorias emergem em todas as etapas, mas é nesse momento de entrada em campo e dos primeiros contatos com categorias nativas do contexto pesquisado, que posso confrontar estes elementos. Ao realizar a pesquisa fui identificando quais elementos culturais poderiam ter escapado à literatura acadêmica, e pude elaborar reflexões que permitiriam abordar tais assuntos durante as entrevistas e a vivência etnográfica.

A partir disso, tentei estabelecer um exercício reflexivo que garantisse a familiarização e posterior desfamiliarização com o tema. Foi necessário conhecê-lo previamente, mas seguir “curiosa” o suficiente para reconstruir a minha percepção em relação ao objetivo à medida em que aprofundava a pesquisa em campo.

As reportagens que tratavam do tema também forneceram dados importantes para essa etapa, como a oposição criada entre grafite e pixação e a visibilidade das *tags* em capas de jornais e revistas, tão almejadas pelos pixadores. Ambos serão tratados com mais atenção no terceiro capítulo pois se relacionam não só com os discursos da mídia, mas também com a noção de ordem social e limpeza urbana estabelecidas, e com as *regras de secretização* (DUARTE, 2001, p. 10) que fazem parte da organização das gangues e galeras de pixação.

É importante citar ainda que esse foi o momento de iniciar as entrevistas e organizar o formato que as mesmas iriam tomar, além de elaborar um roteiro de tópicos. Cada informante apresentou características específicas, o que resultou em declarações mais ou menos espontâneas, mas alguns tópicos, como o início de sua relação com a pixação, foram inquiridos a todos. Essa variação se deve ao fato de que a pesquisa de campo revela múltiplas construções sociais do objeto. Neste trabalho, portanto, não me atenho exclusivamente aos dados já consolidados sobre o tema disponíveis na bibliografia especializada, mas assumo como preocupação central a própria consecução de categorias nativas como referencial analítico.

A terceira etapa é o momento de concretização das entrevistas e da pesquisa de campo, considerando os referenciais dos próprios pixadores e a sua visão de mundo. Os meios de comunicação, mais especificamente a internet, mostraram-se ferramentas essenciais para a compreensão da prática da pixação, de modo que, durante a realização deste trabalho, foi possível observar como a rede é utilizada pelos grupos como forma de sociabilidade e organização das atividades. As interações se dão de modos diversificados e são extensivas ao mundo *offline*. Por meio das redes sociais os pixadores marcam encontros, festas, *rolês*² e trocam informações sobre novas técnicas. David da Costa Aguiar de Souza, que estudou a pixação carioca comenta:

Ferramenta indispensável ao pesquisador contemporâneo, não posso deixar de mencionar a importância da Internet nessa pesquisa. Não por conta do veículo me trazer informações textuais na forma de matérias ou artigos, mas por me permitir visualizar a forma como a rede virtual é utilizada pelos pichadores para se comunicarem e complementarem a divulgação advinda dos muros. No site de relacionamentos “Orkut”, encontrei pelo menos 21 comunidades relacionadas à pichação no Rio de Janeiro. Nelas os pichadores fazem fóruns objetivando verificar os mais famosos, falam sobre os pichadores que já morreram, comentam façanhas relacionadas ao universo da pichação e estreitam suas relações. Foi aliás, através de uma dessas comunidades que tomei conhecimento da reunião da Lapa (e de várias outras atuais), do dia e do horário e lá pude fazer minhas incursões.” (SOUZA, 2007, p. 8)

A partir disso percebemos que o contexto de organização de grupos que antecede o próprio ato da pixação já está permeado pela comunicação. Da mesma forma que no Rio de Janeiro, as redes sociais são espaço de divulgação de vídeos e fotos dos *rolês* de grupo ou mesmo de locais pixados e grafitados entre o grupo pesquisado no Distrito Federal. Na rede social Orkut pude encontrar ainda um grupo que reunia várias galeras do Distrito Federal e uma série de entrevistas realizadas com pixadores, abordando temas como o significado da prática para eles, além das referências que contribuíram para seu estilo e das especificidades do pixo em Brasília.

A quarta e última etapa é o momento de consolidação da análise das entrevistas e categorias trazidas pelos informantes, bem como da comparação destas com as categorias culturais e analíticas pesquisadas anteriormente.

² Os rolês são saídas, geralmente noturnas para pizar. Os pixadores se deslocam por várias partes da cidade, de carro, a pé, de bicicleta, buscando locais para pintar. As saídas podem ser feitas em grupo, mas alguns preferem sair sozinhos ou em dupla, para chamar menos atenção.

1.2 Dos passos em campo

A realização de entrevistas em profundidade combinadas com a vivência etnográfica marcam o horizonte metodológico desta pesquisa, sendo que dois caminhos principais orientaram as incursões ao campo: as matérias divulgadas na mídia sobre o tema pixação, como já mencionado acima; e os depoimentos de pixadores. Inicialmente, o acesso aos informantes se deu a partir da divulgação de sua atuação pela mídia brasileira. Sandrão, meu informante privilegiado, concedeu entrevista ao jornal Correio Braziliense que integrou uma reportagem sobre a história do grafite em Brasília. Na reportagem Sandrão identificava-se como ex-pixador. Esse fato me chamou a atenção e, a partir daí, estabeleci contato com ele, que prontamente me apresentou a outros companheiros de pixo, me possibilitando a suas redes de relacionamento, que se constituíram também como minhas redes de informantes. Sandrão é um dos fundadores da DF Zulu, um importante *crew* (do inglês: equipe, galera) de grafite de Brasília, e é a partir de seus relatos e suas redes de contato esta pesquisa dá seus primeiros passos.

Ele foi meu primeiro entrevistado, mas logo se tornou um facilitador para novas conversas com outros pixadores e para minha inserção nesse ambiente. Ele já não pixa há mais de 20 anos, hoje vive de seu trabalho com grafite, mas guarda muitos recortes de jornais, fotos, lembranças e amizades desse período. Por sua vez, cada novo informante me inseria em seu campo de relações, o que tornou possível ter informantes de mais de uma gangue e que possuíam graus de relação distintos com a pixação. Alguns ainda pintam, outros abandonaram totalmente a prática em função de trabalho e rotinas, mas também tive relatos de informantes que, apesar do dia-a-dia assumem a pixação como uma atividade esporádica, a exemplo de Tito:

Pixar assim, é uma coisa de sentimento, quando você está com raiva, você quer desestravar, você pega uma lata vai e sai, já volta zerado, volta tranquilo. Tem gente que vai jogar bingo para ficar tranquilo né. Tem gente que faz outras coisas.

A perspectiva do informante, nesse caso, demonstra que, além da projeção da *tag* também existe um desejo de manifestar-se como forma de satisfazer uma expectativa individual. A expressão e a adrenalina trazidas pelo pixo aliviam as tensões e dificuldades cotidianas.

Ao todo foram oito informantes, sendo uma entrevista feita em grupo. Também houveram outras incursões em campo como saídas para fotografar pixações e a participação em um evento de grafite na cidade de Samambaia.

Essas redes de contato e a presença de Sandrão como facilitador em grande parte das entrevistas contribuíram para o acesso e conquista da confiança dos informantes. Isso se tornou claro em um dos primeiros contatos com Beto, em Taguatinga. Ele, por conhecer Sandrão, não se incomodou com a minha presença ou com a minha apresentação como estudante de jornalismo, mas um de seus parceiros, ao ouvir a conversa, reagiu imediatamente dizendo que não faria declarações, pois muitos de seus amigos já haviam sido pegos pela polícia com ajuda de fotos divulgadas em jornais de grande circulação. Beto então interferiu e explicou para o rapaz que eu estava acompanhada: “Ela tá com Sandrão, pô, dos 3S”³.

Estar acompanhada de alguém com certo prestígio entre os pixadores foi central para o desenvolvimento da pesquisa de campo. A relação com Sandrão, por vezes, interferia na própria trajetória do trabalho pois, com alguma frequência, ele interferia na formulação de perguntas, formas de abordagem e, aos poucos, acabou respondendo, ele mesmo, as questões colocadas para outros informantes e vice-versa. A minha opção em permitir que isso acontecesse em campo faz parte de uma escolha não ortodoxa, pois observando as interações entre ele e os outros informantes pude perceber detalhes menos formais de linguagem ou a forma como os vínculos são estabelecidos entre eles, registrar declarações espontâneas e até mesmo algumas piadas de meus informantes. Me permitiu ainda observar alguns padrões de comportamento como a relação de proximidade com algumas situações de violência. Para ilustrar o tema, transcrevo trecho de uma conversa informal que tive com Sandrão após entrevista com o informante Pamonha. Havíamos falado de alguns de seus colegas que foram presos por envolvimento com outras atividades ilícitas ou que haviam falecido.

³ Os 3S eram Sandrão, Supla e Sowto. Ainda na década de 1980 eles se destacaram por popularizarem o grafite em Brasília. Fizeram trabalhos em muros de escolas e outros prédios, principalmente na região de Ceilândia. Aos poucos fizeram oficinas de grafite e fundaram juntos a DF Zulu, citada anteriormente. Atualmente a *crew* tem diversas atividades ligadas ao *Hip-Hop*.

É muito difícil a galera que é da periferia mesmo, que foi pixador e se envolveu mesmo com a pixação, não essa galera tira onda que só queria tá com a galera, mas não vivia aquilo. É muito difícil alguém dessa galera que sobreviveu. Muita gente morreu, a gente perdeu muito amigo.

Ao fazer isso eu também fui observada e analisada pelos meus informantes. Em duas ocasiões, especialmente, isso foi bem marcante. A primeira delas no início da pesquisa, quando Sandrão perguntou se eu não era uma policial civil que os estava investigando.

A segunda foi um pouco mais informal, mas muito importante para a percepção desse olhar de troca. Sandrão e eu nos encontramos com Branco em um quiosque de rua que vendia espetinhos de churrasco, no Recanto das Emas. Ali começamos a conversar, mas como ele estava com colegas de trabalho, a entrevista só foi realizada em sua casa, algumas horas mais tarde, o que não impediu que Branco iniciasse suas avaliações a meu respeito. “Caramba, você tem a maior cara daquelas intelectuais assim”. “Onde vc mora?”. “Iiiii, patricinha do Plano”. Foram alguns comentários e questionamento sobre mim.

Esse episódio traz a luz o olhar do informante em relação ao pesquisador e a percepção de que o campo é o espaço em que há avaliação mútua e em que se evidenciam algumas relações de conflito em torno a pixação. Conflito de classe, de espaço. O que Branco sinaliza na maior parte de suas falas é uma certeza de que, ainda que eu me aproximasse, o fato de não fazer parte daquele contexto de periferia significa que meu lugar de fala como sujeito será sempre diferente do seu.

Tendo em vista a sensibilidade de alguns temas, como a realidade de violência e exclusão das regiões periféricas de grandes cidades, para compreender as experiências de um grupo e coletar dados mais expressivos, foi importante assumir que a metodologia, em grande parte, seria construída junto com a própria pesquisa, como mencionado acima. Sobre essa construção de um método pouco ortodoxo em campo, sigo a mesma perspectiva de Willian Foote Whyte, em *Sociedade de Esquina*.

(...) estou convencido de que a evolução real das ideias na pesquisa não acontece de acordo com os relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver. Considerando que muito desse processo de análise ocorre no plano inconsciente, estou seguro de que nunca podemos apresentar um relato completo. (...) Somente a medida que acumularmos uma série

de relatos sobre como a pesquisa foi efetivamente realizada seremos capazes de ir além do quadro-intelectual e de aprender a descrever o processo real de investigação. (WHYTE, 2013, e-book)

Tendo isso no horizonte, busquei categorias que viessem do campo ou de outros estudos, mas que me permitissem compreender o cenário a que efetivamente pude ter acesso. As fontes foram diversas, na medida em que o objeto se apresentava como elemento complexo. Os discursos dos pixadores em relação à prática foram item de primeira relevância, mas também foi necessário recorrer à mídia como fonte de um discurso social normativo. Como enunciado anteriormente, a rotulação de determinada ação ou sujeito como *desviante* implica em uma regra geral que rejeita e algumas vezes condena o que é diferente, em um esforço positivo para manter a ordem, como problematizado por Mary Douglas em *Pureza e Perigo* (2012). No contexto desta pesquisa, isso é entendido a partir dos discursos já constituídos que enquadram a pixação como vandalismo e crime ambiental, mas não com o intuito de invalidar o ponto de vista normativo, e sim como constatação de campo que permite observar as disputas na paisagem urbana e nas relações sociais.

Outra questão que introduzo aqui é a delimitação do campo. Ainda que seja uma prática recorrente em contextos de urbanidade, a pixação assume contornos próprios que se relacionam com as características arquitetônicas e socioculturais de cada cidade ou região. Pensando nisso, inicialmente escolhi a Região Administrativa (RA) de Ceilândia como campo. Boa parte das gangues de pixação mais numerosas e que ganharam destaque em função de sua atuação no Distrito Federal tiveram origem nessa região. Cabe destacar, contudo, que os membros dos grupos de pixadores da Ceilândia não precisam necessariamente serem moradores ou se estabelecerem ali de alguma forma para se associarem às gangues da região. Da mesma forma, isso não delimita de forma rígida qual local será ou não pixado.

A busca por lugares desafiantes em termos de altura, vigilância e visibilidade na mídia, ou por uma presença massiva em diversos espaços simultaneamente fazem com que todo e qualquer muro do Distrito Federal e até fora dele seja alvo dos pixadores. Baseado em sua experiência como pixador, que também virou livro, Flecha, um informante que já não deixa sua assinatura nas ruas há alguns anos, relata que

No nosso tempo o pessoal viajava mais quando a polícia queria pegar (...), mas todo pixador quando vai pra algum lugar, se ele for pixador ele vai levar uma lata. Se ele tá de carro ele leva uma lata, se ele tá de

moto leva uma lata. Pode ser qualquer festa. Os cara gosta ele vai levar. (...) A, vou lá em Formosa na casa de uma prima minha, pega uma mochilinha e coloca uma lata dentro, porque ele é pixador. Ele gosta de escrever o nome dele em todo lugar.

Essa mesma perspectiva foi apresentada por todos os oito informantes. Todos demonstram que a pixação parte de questões como a adrenalina e a conquista de prestígio entre os pares, portanto o campo geográfico delimitado para esta pesquisa extrapola a Ceilândia ou o Plano Piloto. É possível encontrar membros de uma mesma galera em regiões diferentes. O mesmo acontece com suas assinaturas. A pixação constrói novas territorialidades e sentidos para os lugares em que está presente, tema problematizado de forma mais extensa no próximo capítulo. O espaço simbólico construído em torno dessa prática faz com que as ruas, qualquer uma delas dentro do DF, sejam efetivamente o campo onde desenvolvo esse trabalho.

Além dos becos, muros e portas, espaço privilegiado para observação do fenômeno, outros elementos constituíram parte do esforço de pesquisa. Os locais em que eram realizadas as entrevistas também eram significativos nas histórias de vida de meus informantes e, portanto, fizeram parte da minha observação.

Na maior parte dos casos me desloquei até as casas dos informantes, mas também entrevistei alguns pixadores enquanto caminhávamos por ruas de seu bairro, em quadras de esporte que serviram como ponto de encontro para as reuniões de galeras e gangues das quais esses informantes fizeram parte, ou nos pilotis de prédios comerciais. Os diálogos se deram nas regiões de Ceilândia, Guará, Águas Claras, Taguatinga, Samambaia e Recanto das Emas e a observação dos locais pixados também se estendeu a todas essas cidades.

No próximo capítulo resalto as relações entre a pixação e a cidade.

CAPÍTULO II

significando a cidade

Este capítulo se dedica à compreensão da pixação como fenômeno cultural complexo e articulado com diversas estruturas sociais. Retomo o *fato social total*, nos termos de Marcel Mauss, citado acima, para aprofundar essa perspectiva.

Partindo dessa concepção, entende-se a pixação, como prática cultural que incorpora materialidades e trocas simbólicas, articulando um contexto amplo, complexo e diverso. Para sua compreensão é necessário dialogar com os discursos oficiais e legais e com os próprios pixadores, para perceber de que maneira esse fenômeno interfere na paisagem urbana.

A cidade e sua forma de organização são transformadas, na medida em que espaços livres se convertem em territórios de expressão do indivíduo e são alvo de disputa por meio do *spray*. Mas além disso, a própria noção de ordem social é transgredida, pois os centros urbanos, em sua concepção e ordenamento, representam um projeto político e também moral de uma sociedade.

Nesse caso específico, a cidade contemporânea é percebida como um espaço privilegiado para observação dos fluxos comunicacionais, que podem ser transformados pela interação dos sujeitos e por novas práticas culturais. No entanto, não se deve perder de vista que o acesso ao espaço passa pela estruturação de relações de poder, de modo que os espaços urbanos não são acessados da mesma forma pelos distintos grupos sociais. Isso, antes de contribuir para uma coexistência intercultural no sentido de uma celebração harmônica da diversidade, favorece o desenho de novas territorialidades e conflitos, separando o que é institucionalizado do que é condenável, perigoso, sujo, *impuro* (DOUGLAS, 2012).

Esse sentido de impureza levantado por Mary Douglas tem origem em estudos sobre o sentido de poluição em vários grupos sociais. A autora traz as percepções que se estabelecem em torno a ideia de sujeira, demonstrando que ela pode se relacionar com elementos religiosos ou seculares, mas é, principalmente uma demonstração de um esforço para manutenção de estruturas sociais, como esclarece.

Não há sujeira absoluta: ela existe aos olhos de quem a vê. Se evitamos a sujeira não é por covardia, medo, nem receio ou terror divino. Tampouco nossas ideias sobre doença explicam a gama de nosso comportamento no limpar ou evitar a sujeira. A sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente (DOUGLAS, 2012, p. 12)

A pixação se relaciona com os sentidos trazidos pelas autora em função de seu enquadramento como elemento que polui a paisagem visual das cidades e transforma o projeto de ordenamento deste espaço. Mas além disso, essa concepção de impureza se estende aos sujeitos envolvidos na prática, sobrepondo conflitos estéticos e socioculturais, inclusive estruturando preconceitos.

Os espaços reservados à propaganda, comunicação de trânsito e sinais luminosos seguem padrões construídos coletivamente como adequados e organizados, por exemplo. Mas como será exposto a seguir estas relações de visibilidade estão em disputa e a pixação reivindica a ocupação do campo visual de massa que é a rua. Sobre esse intento de aplicar disciplina ao território, bem como a disputa do campo visual urbano, comenta Campos:

O campo da visibilidade também é ideológica e politicamente empregue pelas instâncias oficiais que intentam disciplinar o território e os seus ritmos, sinalizando o seu domínio através das insígnias da ideologia oficial e do *status quo*. Os cartazes publicitários e partidários, os monumentos aos heróis da pátria ou as sinaléticas de trânsito reportam-se aos modos legitimados de comunicação visual no espaço público, amparados por uma justificativa histórica e uma estrutura institucional. Estes símbolos correspondem, no fundo, a protagonistas de uma cosmovisão com disposição a perpetuar-se e que se legitima pela própria existência, tomada como realidade inegável. No entanto, os consensos são frequentemente ameaçados. A cidade não é inteiramente disciplina e muito menos estanque. (CAMPOS, 2009, p. 48)

Nessa cidade em que o espaço assimila práticas e significados diferentes daqueles previstos inicialmente, a pixação pode ser vista como um forma de promover essa transformação estética e também de sentido. Por meio das *tags* e da criação de códigos de escrita, o pixo converte as paredes, muros e fachadas em suporte, em ferramenta comunicativa e espaço de leitura. Visualmente, a lógica da parede branca e limpa é contestada, ao mesmo tempo em que um fluxo de mensagens demarca essas mesmas paredes e o próprio espaço público como um campo privilegiado para a circulação de informação.

A seguir, será realizada uma abordagem acerca das relações contruídas entre cidade e cultura, para compreender as transformações históricas do espaço e das interações sociais alcançadas até aqui.

2.1 A cidade reescrita: paredes que dialogam

A história da pixação está entrelaçada às cidades, desde a Idade Antiga. Na cidade de Pompéia encontraram-se vestígios de muros cobertos por diferentes xingamentos e reclames. Da mesma forma, na Idade Média era comum que padres ‘sujassem’ com piche os muros de mosteiros e ordens consideradas rivais (SOUZA, 2007). Mas somente após a Segunda Guerra Mundial, com o advento do aerossol, é que os pixadores ganham agilidade, como afirma David Aguiar da Costa Souza:

(...) tintas spray deram mobilidade e agilidade aos traços. Durante a revolta estudantil de Paris (1968), os gritos de liberdade dos estudantes eram também passados para os muros com os sprays, garantindo um maior potencial difusor às ideias.” (SOUZA, 2007, p 10)

A pixação com conteúdo político expressa em Paris ou no período de ditadura militar no Brasil não é, no entanto, o foco desta pesquisa, mas sim as vivências do grupo de pixadores entrevistados e a forma de organização das gangues. Muitas vezes com um discurso considerado mais vazio pelas pessoas externas à prática, esse fenômeno possui outras características de destaque, como a construção de redes complexas de organização e associação juvenil, conforme as metrópoles se tornam mais populosas e o número de praticantes aumenta.

Portanto, o fenômeno da pixação a que me refiro aqui se estabelece nas grandes metrópoles brasileiras na década de 1980, principalmente pelo aumento da circulação de filmes e revistas estrangeiras que davam conta do movimento hip-hop, já forte e estabelecido nas periferias dos EUA. Isso chama atenção para mudanças na estrutura social, devido à abertura política e econômica do país, que o inseriu em um contexto mundial em termos de circulação de bens culturais. Além disso, há uma transformação do território com o crescimento vertiginoso das principais metrópoles nacionais e a consolidação de extensas áreas de periferias no entorno destes centros urbanos.

Vale demarcar que situar a pixação historicamente significa compreender que esse fenômeno não está dissociado da concepção de cidade construída ao longo do tempo. Pode-se compreender a urbe como um espaço de expressão cultural dinâmico, que é reescrito constantemente, por meio das mais diversas atividades. Até a Idade

Média as cidades cresciam de maneira orgânica e desordenada, mas a partir do século XVIII os homens trataram de racionalizar suas estruturas, para que tudo nela não parecesse mera obra do acaso. Nasce a cidade como *fato artístico* (GOITIA, 1982) como espaço político organizado em torno do monarca e, posteriormente, a cidade moderna ordena o espaço físico e cultural em torno da produção. De acordo com Fernando Chueca Goitia em Breve História do Urbanismo,

(...) os gestos da cidade quase representam a história psíquica da cultura. Uma vez implantada a cidade num terreno propício, implantação ou fundação que na antiguidade tinha um caráter litúrgico e equivalia a transformar o novo solo em *terra patrum*, pátria, a natureza humana vai traçando as linhas da nova estrutura através de um processo vital de que faz parte uma acumulação de costumes, tradições, sentimentos, atitudes, tudo característico de uma determinada colectividade. Ainda mais estas estruturas, que foram ganhando formação através deste processo, acabam por construir, elas próprias, uma segunda natureza; quer dizer, estas estruturas voltam a agir, por sua vez, sobre os habitantes, que são confrontados com uma realidade exterior com a qual terão de contar (GOITIA, 1982, p 28).

A cidade e a cultura de seus habitantes mantêm uma relação dialética, construindo e reconstruindo significados um por meio do outro. Isso significa dizer que, mesmo edificada a partir de uma construção de sentido de determinado grupo social, a estrutura das cidades apresenta-se como elemento em torno ao qual novas relações e concepções vão se consolidar. A distância entre bairros, as estruturas de transporte, a distribuição de serviços pelo espaço urbano, dentre outras questões de caráter geral, vão influenciar nas formas de sociabilidade estabelecidas entre os sujeitos.

O projeto moderno de cidade previa o alcance do bem estar e a melhoria da qualidade de vida por meio da transformação tecnológica dos meios de produção (OLALQUIAGA, 1992). No Brasil, pode-se dizer que algumas dessas expectativas se cumpriram com um acesso maior a serviços educação e com a redução de trabalhadores em situação informal, como mostram estatísticas anuais do Ministério do Trabalho e Emprego.

No entanto, mais do que isso, os centros urbanos contemporâneos concentram as novas formas de consumo, ocupação do espaço público, afetividades humanas e representações simbólicas diversas, tanto quanto efêmeras. Esses fenômenos têm relação direta com um contexto de fluxos rápidos e variáveis, com os novos espaços de interação produzidos pelas internet, mas também com a manutenção de uma estrutura

social e urbana desigual. No caso da pixação, ressalto que há uma participação mais expressiva de jovens de periferia na busca pela expressão individual, pelo pertencimento a um grupo, no caso as gangues de pixação, e também pela presença nesse espaço constituído dos bairros de que fazem parte e de novos territórios na cidade que serão “conquistados”. O informante Rogê fala de sua busca pela fama, pela projeção individual quando ainda era pixador.

pixador procura isso ai, pixador procura ser famoso né, é como eu disse na matéria até que tinha na reportagem que tinha gravado, que pixador a gente pobre não tem oportunidade de ser um ator e tal, procura pela fama, pixação pela fama, não tem como ser famoso sendo ator. (...) até as menina mermo na época de adolescente, pegava as menina até por causa de pixação mesmo, era o bonito.

A fama significa em ver sua assinatura no viaduto ou prédio mais alto, ver sua *tag* na matéria de capa de um jornal, ser reconhecido pelo apelido. A pixação como forma de projeção individual transforma o espaço, mas também sinaliza a conversão deste em paisagens culturais repletas de expressão e saturadas de imagens que, ao mesmo tempo, surgem como fruto deste contexto e o retroalimentam, junto com diversas outras formas possíveis de expressão na cidade como a performance, instalações, manifestações. Nos termos do informante Neon,

E eu acho mesmo que é um desabafo, tocando pedra mesmo na Babilônia, quebrando tudo né. É a forma de expressão que a gente tem, sacou velho. Eu mesmo não fui em nenhuma passeata, velho, desses que teve ai agora. Por causa da copa, por causa do governo. Eu não fui em nenhuma, por que a minha forma de protesto é outro.

A cidade, nesse sentido, é uma arena ocupada por sujeitos *com poderes e desejos desiguais* (CAMPOS, 2009) diante de uma estrutura social coletiva está em constante trânsito. Borelli e Oliveira afirmam, a esse respeito:

(...) uma cidade cindida em cenários, assim como, cindida está a sociedade da qual ela é parte constitutiva; sociedade transformada e distanciada da idéia clássica que pressupõe uma ‘cena única e nacional’, em que as comunidades se vinculavam ‘a um território, a uma língua e a certas tradições’ (SARLO, 2003:56-57). Uma cidade que hoje é parte de uma cultura globalizada e desterritorializada e distante dos padrões anteriores, em que ainda era possível conceber. (BORELLI e OLIVEIRA, 2008, p 2)

Imersos nesse contexto receptivo a formas variadas de interação os pixadores encontram possibilidade de utilizar o espaço público como suporte para o diálogo e se manifestarem como indivíduos ativos dentro da construção imagética da cidade. Apesar da constante e correta associação da pixação como prática de liberdade de expressão em sociedades totalitárias, a repercussão do fenômeno em ambientes democráticos demonstra que ela também é forma de contestação individual, sem deixar de lado sua dimensão política. Nas palavras de Oliveira,

(...)sujeitos ativos que atuam na cidade, ressignificam formas e conteúdos, expressam-se por meio de seus corpos, assim como das paredes, dos postes e muros urbanos. É possível, desse modo, captar os significados que as formas culturais assumem para os indivíduos, assim como as dimensões simbólicas e os imaginários que são articulados por meio das imagens e das ações (...) as cidades transformam-se, mais do que nunca, em espaços de escritura e de leitura. (OLIVEIRA, 2007)

Borelli e Oliveira também refletem sobre as dimensões de significado que a cidade assume.

Dos bairros e das ruas, pelos espaços e lugares desta cidade disseminada, circulam toda sorte de personagens que marcam a cidade deixando rastros; entre eles, aqui se destacam alguns coletivos juvenis que, com suas práticas e lógicas de usos e apropriações, negociam sentidos e permitem a reiteração das concepções de cidade múltipla até então apresentadas. (BORELLI e OLIVEIRA, 2008, p-4)

Essa busca de expressão no concreto se relaciona com a construção da identidade por meio do espaço. As ruas se convertem em mosaicos das intervenções que expressam a forma como seus habitantes a enxergam e se enxergam diante dela. Como comenta Pedro Russi Duarte, a mobilidade do cenário urbano se constrói a partir da intervenção dos sujeitos e de sua interação.

A matéria humanizada (suporte) é artificial, por tal motivo tem história. Nessa lógica, a parede, como matéria artificial, é feita por homens no cenário histórico que também contempla aos outros homens que “refazem” a parede através das suas intervenções. Ato que possibilita avançar e entender que nessas ações, ou feitura, o indivíduo não responde e sim dá pista (índices) aos outros no processo de interação (*self interaction*); porque na ação significa: dou sentido. O meio não é o material e sim a *função*, i.e., a comunicação é intencional porque você tem que entender (mesmo não entendendo) a mensagem. Dessa forma, estabelece-se a relação com outro; é um ato

com intenção ao constituir a mensagem. Ação e intenção de consciências que constituem aquilo (suporte) como meio de comunicação. Assim, convém compreender a comunicação como transformação ao invés de simples transferência/deslocamento de dados (DUARTE, 2013, p 48-49)

O autor esclarece que a expressão no espaço coletivo toma sentido a partir da lógica da alteridade, segundo a qual a manifestação do indivíduo se relaciona com uma ação que mira o outro ou a percepção de uma coletividade externa a ele. As paredes, portanto, dialogam com os sujeitos e criam possibilidades novas de diálogo entre eles. No decorrer da pesquisa foi possível perceber as particularidades destas relações no campo estudado e as impressões acerca do tema são trazidos no tópico que se segue.

Na próxima sessão serão discutidos as particularidades da formação da paisagem urbana no Distrito Federal.

2.2. A percepção do espaço no Distrito Federal

Apesar da pixação e do grafite serem linguagens bastante disseminadas e presentes em várias partes do globo simultaneamente, ambos guardam particularidades de acordo com o local em que estão. Me explico. As letras e estilos de pixo de cada cidade, país ou região guardam características específicas de acordo com a paisagem em que se imprimem ou com os meios materiais utilizados. Para citar uma situação externa a Brasília, vale observar o caso de São Paulo. Nesta cidade há um número enorme de edifícios altos que faz com que sua forma de construir alfabetos se relaciona com a arquitetura da cidade, com o tamanho das edificações e também com o aprimoramento das técnicas, para que a escalada não seja essencial para o alcance de grande alturas.

O *tag reto*, como é conhecido o estilo das letras da pixação paulistana, é um modelo bastante reconhecido nacionalmente e algumas vezes imitado, como afirma o informante Neon, sem deixar de ressaltar que a caligrafia brasiliense assume contornos próprios também.

a caligrafia de Brasília tem muita ponta, muito êmbolos, entendeu? Ela não é tão reta igual à de São Paulo, Belo Horizonte, ela é mais que uma escrita assim, entendeu? (...)E que é a pegada nossa aqui, sacou? (...) Tem muita gente aqui, gente que faz pixo reto e tudo mais, mas o que predomina mesmo é a caligrafia de Brasília ou seja, aquela caligrafia de caderno da escola classe.

Em sua fala Neon dá pistas das formas como os desenhos de *tag* de Brasília são característicos e própria citação dele da relação com a “caligrafia de caderno da escola classe” localiza geograficamente a prática. Para compreender as particularidades da pixação aqui, é importante perceber o que esse projeto de cidade representa e como se organiza. A descrição de Goitia sobre a *cidade radiosa* de Le Corbusier parece bastante familiar:

As grandes torres de um centro comercial e de negócios, com acessos fáceis pelas vias de tráfego, e rodeadas de parques e espaços verdes; blocos de apartamentos com amplas zonas de jardim e terrenos de jogos e desportos; as zonas industriais cuidadosamente isoladas e as comunidades satélites organicamente articuladas com o centro. (GOITIA, 1982, p 196-197)

Podemos visualizar com esses desenhos as torres do Banco Central, os eixos “L” e “W”, também conhecidos como eixinhos, e as quadras residenciais com gramados e árvores que são tomados pelas cigarras a cada novo período de chuva.

Diferente de algumas cidades, Brasília surge com uma vocação já determinada de ser o centro do poder político do país. Mas mesmo sendo planejada e idealizada por boa parte dos governantes, mas também do trabalhadores que se aglomeravam nos canteiros de obra, sua projeção estava mais distantes daquilo que, com a presença dos seus ocupantes, se tornará sua vocação.

Sua construção tão recente faz de seu espaço físico, histórico e de sua posição no imaginário social, uma experiência singular. Muitos dos pioneiros da cidade ainda são contemporâneos dos que, muitos anos depois, nasceram aqui. Alguns daqueles que participaram da construção de edifícios, canteiros e viadutos ou ocuparam os primeiros

cargos da nova capital do país, ainda constroem a realidade da cidade. Mas além dessa particularidade, outro aspecto a faz peculiar: sua qualidade de *metrópole terciária* (PAVIANI, 2010), ou seja, aquela que se baseia no setor de serviços. De acordo com o arquiteto e professor da Universidade de Brasília, ainda que a industrialização tenha sido um dos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para denominação de uma cidade como metrópole, Brasília alcançou esse *status* sem que a atividade seja determinante na economia da região.

Ainda assim, o ordenamento urbano, o perfil de ruas e avenidas distribuídas numericamente em um plano cartesiano e as formas de apropriação do espaço público são dramaticamente transformadas à medida que a população cresce ou hábitos tipicamente locais vão se estabelecendo e a região do Plano Piloto estabeleceu fortes relações com as Regiões Administrativas ao ser redor, o que lhe caracteriza como uma metrópole polinucleada segundo Aldo Paviani:

Nos planos iniciais, Brasília deveria ser modelo de planejamento urbano, onde as carências e os problemas (...) não aconteceriam. Todavia, não se aperceberam os governantes que, como bem expõe o geógrafo Milton Santos “produzir é produzir espaço” e que, por isso, a construção do Plano Piloto estaria estimulando a migração interna e, com isso, agregando novos núcleos urbanos (cidades-satélite) ao DF. (...) Elemento de destaque nesse processo de urbanização surge na adoção do formato de núcleos múltiplos e os inumeráveis problemas a ele inerentes e que não foram equacionados, mesmo considerando o ideário do planejamento urbano de seus primórdios. O polinucleamento não ensejou que, nesses assentamentos, houvesse espaços de oferta de oportunidades de trabalho e de serviços urbanos nas dimensões necessárias. (PAVIANI, 2010, p 230)

Partindo da mesma discussão do polinucleamento da região do DF a geógrafa Lúcia Cony Faria Cidade (2010), problematiza o modelo: “as ações de gestão do território reproduziram na cidade ideal um modelo de reforço à centralidade e de segregação socioespacial presente em outras cidades brasileiras” (CIDADE, 2010, p. 206)

Isso traz à luz uma discussão da exclusão social e das condições de classe. Embora essa pesquisa não esteja diretamente preocupada com o tema, faz-se impossível uma análise do desenho urbano brasiliense sem notar que sua organização terminou por relegar a população mais pobre a regiões distantes dos serviços e confortos oferecidos pelo Plano Piloto.

Assim cresceram as “cidades-satélites”, hoje chamadas oficialmente de Regiões Administrativas (RA). Os serviços de transporte precários da capital dificultam uma articulação orgânica entre centro (aqui entendido como Plano Piloto, que concentra a maior parte dos serviços, empregos e opções de lazer da região). Ao invés de projetos de habitacionais planejados de acordo com a necessidade da população, foi a urgência em alojar um sem número de novos moradores do Distrito Federal (DF) e combater as invasões próximas ao Plano que deram origem a cidades como Taguatinga, Ceilândia, Recanto das Emas ou Riacho Fundo.

A visão construída em torno dessas cidades ou regiões costuma ter como referência a forma como se relacionam com o plano piloto, sobrepondo-o ou igualando-se a ele em termos de serviço, moradia, etc.

Percebendo essas nuances na constituição do que é o espaço urbano brasiliense e voltando a destacar que a presença de jovens de periferia é mais intensa na pixação, destaco a dimensão política da prática e as diferenças que geram um conflito simbólico, mas também social, entendo que ambos não se desvinculam. As manifestações simbólicas estão atreladas e, segundo Lúcia Cony,

Formas simbólicas não são simples representações que articulam ou obscurecem relações sociais ou interesses constituídos em um nível pré-simbólico. (...) as formas simbólicas estão, pelo contrário, continuamente implicadas na constituição das relações sociais e atuam de forma criativa. (CIDADE, 2010, p. 201)

Isso significa dizer que uma das camadas para compreender a pixação como manifestação simbólica é perceber esse conflito de interesses individuais, mas também sociais, observando que os desenhos arquitetônico e sociocultural criam relações de poder e hegemonia. Essas considerações foram fundamentais na definição da Região Administrativa de Ceilândia como campo desta pesquisa.

Ceilândia é a maior e mais populosa RA do Distrito Federal, com 402.729 habitantes (IBGE, Censo Demográfico 2010). Foi criada em 1971 para receber cerca de 80 mil migrantes instalados em diferentes invasões nas redondezas do Plano Piloto. O projeto fez parte da Campanha de Erradicação de Invasões (CEI) organizada pelo Governo do Distrito Federal (GDF) à época que tinha como intuito preservar a organização do Plano e reduzir o número de assentamentos irregulares em suas proximidades (ANDRADE, 2007). Milhares de famílias foram levadas para uma área de

cerrado nativo sem nenhuma infra-estrutura e obrigadas a instalar ali suas moradias e iniciar sua rotina. Disso origina-se uma região sem planejamento e de crescimento vertiginoso estigmatizada como local inseguro e violento. Andrade afirma que,

Ceilândia carrega, há muito, uma péssima imagem perante a opinião pública. A cidade é frequentemente associada ao tráfico de drogas, a crimes violentos, a insegurança, a marginalidade. Na polícia, é visada como “área crítica”, mobilizando um esquema especial de segurança pública. É tida ainda como uma espécie de periferia da periferia pela contiguidade com Taguatinga, uma das mais antigas cidades-satélites de Brasília que, ao contrário de outras, abriga uma expressiva população de classe média.”(ANDRADE, 2007, p 50)

Ainda sobre Ceilândia, destaco o trecho de Goettert e Mondardo que descreve a representação da região no contexto do DF: “um bom exemplo da estratégia de dissipação dos centros hegemônicos que ilustra, igualmente, a espacialidade resistente e o sentido criativo do cosmopolitismo de grupos subalternos” (GOETTERT E MONDARDO, 2008).

Em suas falas os informantes falam sobre representar a periferia, o lugar em que nasceram e, apesar de pixar monumentos ou locais de maior visibilidade, no Plano Piloto, destacam como a relação entre texto-espço e texto-leitor é distinta nas periferias. Sandrão explica essa relação, referindo-se à transição entre pixação e grafite em sua trajetória.

eu não gostava muito de pixar monumento sabe. Assim, até hoje eu não gosto de fazer grafite no plano piloto, eu acho que eu não vejo resultado igual ao que a gente vê na periferia, porque, justamente por causa dessa discriminação que quem tá ao longo dos anos pensa que o jovem faz grafite é isso e aquilo e as vezes você não tem aquele retorno da molecada gostar do grafite. (...) você passa o dia todo fazendo grafite e no outro dia, dois, três dias tá a molecada em frente ao grafite copiando o seu trabalho, já que aí eu acho que esse é o retorno.

Ainda que tenha tomado Ceilândia como campo mais importante, no decorrer do trabalho segui o curso do objeto de pesquisa e ele me conduziu também a outras regiões do DF para conversar com meus informantes e, ao mesmo tempo, demonstrou que as intervenções provocam novos desenhos e sintaxes urbanas. David da Costa Aguiar lança luz sobre essa questão de um campo diverso de observação:

O campo propriamente dito não existe de forma singular ou está concentrado em um espaço restrito. A cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana foram meu campo de pesquisa, e em qualquer deslocamento que realizei nesses dois últimos anos pelo nosso perímetro urbano, acionei o olhar do pesquisador e busquei identificar nesta paisagem as informações relevantes para este trabalho. (SOUZA, 2007, p 7)

Sandrão e Tito preferem pixar em Ceilândia, enquanto Neon e Feroz gostam de Taguatinga, mas, ainda assim, onde quer que eles estejam, deixam sua assinatura. O que é importante demarcar, apenas, é que cada lugar assume um significado diferente. Pixar em seu bairro ou região significa, principalmente, construir um diálogo com outros pixadores, demarcar um local de trânsito importante e se comunicar com a estrutura social deste mesmo bairro. Por outro lado, pixar áreas como a comercial de Taguatinga e a avenida W3 sul se relaciona mais com a construção de prestígio na/da gangue, com a possibilidade de se tornar visível para mais e mais pessoas e, com a contestação de uma organização espacial, impondo uma marca, nessa caso, a assinatura do pixador.

As territorialidades transitam conforme os sujeitos se apropriam das espaços e lhes dão significado. Portanto, como relata Souza, é necessário observar a cidade constantemente. O “olhar de pesquisador” deve estar onde o objeto se destaca da paisagem visual. E exatamente sobre essa mobilidade do pixador como elemento que permite a mobilidade da paisagem em si que trata a sessão a seguir.

2.3. Construindo territórios

“O espaço é um lugar praticado”
Michel de Certeau

É possível conceber a cidade geograficamente como um território físico e material, mas também como território simbólico, onde se entrelaçam relações de poder e disputas de identidade. As gangues de pixadores se colocam nesse processo ao criar

territórios disputados entre si, sempre compostos das grafias que evidenciam uma transgressão ordem hegemônica imposta ao espaço público e também relações internas que envolvem, segundo Goettert e Mondardo: “afirmação e valorização diante de um grupo de pixadores e grafiteiros” (GOETTERT E MONDARDO, 2008).

Esse prestígio diante de seus pares é construído tanto pela quantidade de assinaturas/tag deixadas na cidade, pelo pixador, como também pelo tipo de lugares pintados. Prédios mais altos, viadutos e locais muito vigiados como monumentos são todos locais desafiantes e desejados. Ruas e centros comerciais onde há grande número de pessoas também são cobiçados. No caso de Brasília os locais preferidos são a W3 sul e a região comercial de Taguatinga, uma das mais antigas regiões administrativas do Distrito Federal.

Durante a pesquisa de campo, isso pôde ser observado quando os informantes falaram das “guerras” entre gangues. Ainda que hajam espaços em disputa, existem outros reconhecidos como pertencentes a determinados grupos. Na busca por desafios os pixadores ultrapassam esses limites imaginários da cidade para provocar outras gangues. Como resposta a gangue afetada pode apenas retribuir o atropelo/vandalização/anarquização as pixações da rival, mas episódios como brigas e disputas violentas também são comuns. Ao ser perguntado sobre os atropelos o informante Beto é enfático: “Era guerra!”

Partindo dessa perspectiva, é possível notar duas características relevantes para a lógica da construção territorial por parte dos pixadores: a busca pela visibilidade da assinatura e o contexto sociocultural em que o grupo de pixadores se insere.

A primeira característica, qual seja, a busca pela visibilidade da assinatura no maior número de lugares possível representa prestígio e reconhecimento pelos pares, e faz com que a fama do pixador cresça.

Essa busca pela presença em vários lugares simultaneamente, na pixação, reflete um aspecto importante da sociedade contemporânea, referente à transformação dos limites de espaciais. As técnicas e tecnologias da sociedade moderna, a exemplo dos meios de comunicação, criaram rearranjos espaço-temporais, dando acesso a um grande volume de informações e permitindo trocas simbólicas aos indivíduos dispersos em distintos locais e épocas (THOMPSON, 2011).

Essa característica tem forte reflexo nas práticas cotidianas dos pixadores, influencia a lógica da formação de grupos e a construção de redes de prestígio, como comenta David da Costa Aguiar:

Apesar da intencionalidade da ação dos pichadores e da sua exata noção do dano proporcionado ao patrimônio de outrem, na verdade esses atores gostariam que todos admirassem seus feitos, rendendo-lhes comentários acerca do estilo e da dificuldade dos alvos escolhidos. Sua intenção não é a de sabotar outras pessoas, mas de aumentar seu prestígio dentro de uma elaborada rede de pares. (SOUZA, 2007, p 11)

Ricardo Campos também trata do contexto simbólico e comunicativo em que se situa a pixação e reiterando, com um pouco mais de ênfase, a afirmação de Souza sobre o desejo de reconhecimento indistinto, ainda que a rede de pares seja a maior fonte de prestígio do pixador.

À tona emergem sinais social e culturalmente significativos, que contribuem para a fundação de um ecossistema simbólico e comunicativo particular. (...) Percorridas quotidianamente por milhares de pessoas, as artérias metropolitanas oferecem uma vasta plateia aos produtores de conteúdos simbólicos que, de alguma forma, almejam alcançar uma massa indistinta. (CAMPOS, 2009 p 47)

Para a maior parte das pessoas que circulam pelas cidades a pixação não é compreendida como escrita. As tipografias mais ou menos emboladas geram grande impacto visual, estético, possibilitando uma produção de sentido eminente, mas não racionalizado. Ou seja, nesse sentido trata-se de uma relação estética. Mas, antes de serem reconhecidos pelos seus nomes ou pelas frases que pintam em muros ou portas, por pessoas externas à prática, há uma busca pelo reconhecimento junto ao grupo baseada na dificuldade encontrada para pixar, relacionada ao esforço dos longos caminhos percorridos pela cidade e, em alguns casos mais do que outros, a detalhes da caligrafia de cada pixador, como relata Tito ao afirmar: “Letra eu tenho, da última vez que eu contei no caderno tinha 150 letras. Só minha assim. Só de pixação, que eu mesmo fiz.”. A fala de Tito evidencia que sua identidade como pixador passa pela singularidade das letras e alfabetos, proporcionando-lhe reconhecimento.



Figura 3: pixações na comercial de Taguatinga, demonstrando variação de padrões de escrita dos pixadores

As fotos acima, de pixações realizadas em portas de lojas, na região de Taguatinga, são exemplos dessa variedade de letras e *tags* associadas aos pixadores individualmente ou às assinaturas coletivas de parceiros de gangue. Na primeira imagem pode-se ler a assinatura *grilo* com tipografia embolada e curvada que lhes conferem características facilmente identificáveis. Ainda que as letras não sejam grandes, é fácil reconhecer a *tag* em alguns pontos da cidade.

Na imagem a direita, é possível observar um rebuscamento menor da tipografia, o que facilita a leitura do nome do pixador. Nesse caso, a caligrafia similar às letras de forma pode ser considerada uma estratégia de visibilidade, já que a *tag* é mais facilmente reconhecida por qualquer pessoa, pixadoras ou não.

A segunda característica trata do contexto sociocultural em que o grupo se insere. Os informantes, como sujeitos que vivem em meio urbano imersos nos sentidos e práticas de uma sociedade moderna, além de pixarem, outros universos ou campos simbólicos, o que retoma a ideia de *fato social total*. Com isso, é possível constatar que não só o pixador se relaciona com vários contextos, mas o próprio ambiente social se apresenta de forma fragmentada, como comenta Stuart Hall.

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto, como nas fantasias do eu “inteiro” de que fala a psicanálise lacanianas, identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas. (HALL, 2006)

O autor trata de identidades nacionais, tema que não abrange especificamente esta pesquisa, mas a sua elaboração sobre formas de poder e disputas em contextos de cultura, acrescenta um elemento relevante para compreender os conflitos entorno a pixação já relatados. Nesse caso, a disputa por território não se estabelece com outras gangues de pixação, mas as estruturas estabelecidas na paisagem visual, a exemplo da fotografia abaixo, que mostra um *bomber*⁴ que foi “atropelado” por cartazes de propaganda, posteriormente arrancados.



Figura 4: *bomber* e pixação na W3 sul

Fonte: <http://www.fubap.org/apira/2009/12/10/iconologia-do-pinxo-edicao-dez2009/>

⁴ Termo utilizado em depoimentos de grafiteiros nova iorquinos na década de 1970, no filme XX. A tradução do termo em inglês *bombing* faz referência ao sentido atribuído pelos grafiteiros do período, quanto a impressão de letras nos vagões do metrô de Nova Iorque como forma de bombardear o sistema. A prática se estendeu a vários outros metrôs do mundo e o termo “bomber” no Brasil se passou a conceber como uma técnica, um estilo de grafite não autorizado feito com poucas cores e de forma rápida para evitar abordagem policial.

Na foto acima podemos observar diversos níveis de disputa e de discurso. A propaganda, tanto quanto a pixação, busca espaços de visibilidade, evidenciando os conflitos entre um discurso marcado pela ilegalidade e outro legitimado socialmente. Mas para o pixador o cartaz da publicidade é poluição e não o contrário, portanto ele estabelece uma relação de guerra com essas manifestações, como evidencia Tito:

Propaganda apaga também, né, já apagaram um monte meu. Já fiquei com raiva disso.(...) Você gasta tinta, gasta dinheiro e tá lá, as vezes até *bomber* né. Que não é autorizado, você chega e faz. O cara chega lá, faz uns negocinhos assim que destrói o seu trampo todinho. É ruim demais. Ai também atropeli uns 20 ai.

Outro exemplo relevante no contexto de Brasília é a pixação de placas de localização, desconstruindo os sentidos de territorialidade, organizado segundo uma lógica cartesiana a partir da qual os acessos e caminhos se tornam lógicos e intuitivos, na medida em que se repetem. A sinalização destes trajetos os tornariam ainda mais acessíveis, mas as pixações sobre os letreiros proporcionam uma quebra nesse processo, em busca de mais visibilidade para as *tags*. Nos termos de Neon, “Tudo fomeragem”.



Figura 5: placa pixada em Ceilândia

“Fomeragem”, nas palavras do informante, significa uma necessidade exagerada de pintar qualquer lugar que tenha visibilidade. Quando ele atribui esse sentido à

pixação nas placas da cidade – mais especificamente, nas placas de trânsito –, está deslegitimando a prática, sob seu ponto de vista, o que significa dizer, mais uma vez, que as conclusões desta pesquisa são contextuais e se relacionam diretamente com as abordagens de meus informantes e com minha experiência em campo.

Neste processo de construção das territorialidades, ainda que, em algum momento, as relações de grupo se tornem fortes, as trajetórias pessoais também se destacam. Sobretudo nas primeiras “empreitadas” como pixador, os ambientes em que os indivíduos se sentem mais à vontade ou com os quais já possuem uma relação de pertencimento estabelecida são muito importantes. Uma trajetória foi recorrentemente observada entre os informantes desta pesquisa: os desenhos começam nos cadernos, migram para os muros da escola e, posteriormente, podem ser vistos no bairro em que vivem, o que lhes dá, pouco a pouco, prestígio para se filiar a algum grupo de pixadores.

O informante também fala de sua experiência: “Ai começar o pixar o colégio, ai vai expulso. Ai começa assim, chamando atenção para as meninas no começo, né. Você quer se destacar.”

Nesse processo de construção de territorialidades que começa nos cadernos escolares, onde os desenhos disputam espaço com a matéria das aulas, nota-se um anseio pela presença massiva em diversas partes da cidade, simultaneamente. Uma vontade de pertencer aos espaços, mas também de fazer com que eles lhes pertençam. Essas marcas impostas pelas grafias dão novos sentidos ao concreto da urbe e criam novos territórios sob o aspecto físico e simbólico. Coloca-se em questão a contradição entre o público e o acessível, diante de um número cada vez maior de formas de controle social para garantia dos espaços privatizados nos centros urbanos.

Como já colocado, todos os informantes desta pesquisa são moradores de regiões administrativas que não fazem parte do Plano Piloto em Brasília. Em nossas conversas pude perceber que há um número maior de gangues de pixação nessas regiões periféricas, tornando-se perceptível questões de classe social. Como afirma Sandrão, “a periferia não é muito preocupado com boniteza, quer fazer mesmo. Os boys, não. (...) eles começam (...) e quer ser artista plástico.”

Novamente, se observa uma dimensão política na pixação. As assinaturas nos muros são animadas pelos sujeitos que as pintam e pelo seu lugar social, assim como as expectativas desses sujeitos em relação a isso. Nesse sentido a comparação de Sandrão é

relevante para percepção das diferenças de classe, pois o *status* de artista plástico pode ser relevante em um contexto, enquanto em outro não tem peso simbólico.

Além disso, também existe uma questão de ordem prática: os custos. A quantidade de latas necessária para fazer um grafite ou uma intervenção maior na cidade é um custo mais do que aquele necessário para pixar, conforme o relato de Flecha: “A gente comprava três latas. Um eu pago o nome, meu e do cara. O outro eu pago a sigla, e a outra lata o cara paga meu nome e o dele. Então com três latas você destrói uma cidade, dois caras.”

Para aprofundar esse aspecto, vale recorrer novamente a Silvia Helena Simões Borelli e Rita de Cássia Alves Oliveira que, ao tratarem das intervenções urbanas na cidade de São Paulo, falam em culturas urbanas juvenis e atribuem a esses grupos uma construção de redes de relacionamento e afetividades no/com o espaço urbano.

Nas últimas décadas do século XX, todas as grandes cidades passam a ter regiões inteiras ocupadas por jovens que as transformam em espaços de lazer e de vida noturna. Nesses bairros, ruas e esquinas de ocupação juvenil eles sentem que podem desfrutar de certa liberdade; são locais de encontro de amplos grupos de adolescentes e estudantes que marcam a recuperação festiva da rua como lugar de articulação das relações sociais; são lugares de interação imediata. As esquinas tornam-se espaços *privados* dos grupos juvenis: ali se encontram, apropriam-se do território, constroem sua identidade; deixam suas marcas, explicitam suas ideias, exercitam suas sensibilidades, ocupam a cidade. Os muros, tapumes, postes, placas de sinalizações públicas e caixas de telefonia são, para os jovens, lugares onde os grupos inscrevem suas marcas e batizam o território; são parte importante de suas práticas territoriais. Ao se apropriarem simbolicamente dos espaços urbanos, esses jovens os transformam dando a eles novo *status* no cotidiano da metrópole: de lugares de passagem e pouco propícios às construções identitárias e às relações grupais, passam a ser territórios recheados de afetividades, memórias, relações e identidades. (BORELLI e OLIVEIRA, 2008, p. 12)

Há uma busca pela presença no espaço, por reconhecimento e isso tudo se inicia nos locais próximos aos pixadores. Os muros da escola são, geralmente, os primeiros alvos dos jovens, em seguida, os muros de seu bairro. Enquanto caminhava com alguns de meus informantes, era possível observar assinaturas próximas aos muros de sua casa, da casa dos pais, quando não em seu próprio muro. Além da adrenalina e dos desafios na busca por locais de acesso cada vez mais difícil, o rabisco, apesar de não derrubar o muro, questiona seu significado como elemento que limita e individualiza os espaços.

O muro ou a fachada são as linhas que se colocam material e simbolicamente entre a propriedade individual e a rua, concebida aqui como espaço livre (ou com pretensões de liberdade). Construir territórios, nesse sentido, significa demarcar a urbe, criar novos espaços de sentido e de interação.

CAPÍTULO III

entre gangues e galeras

O título deste capítulo faz alusão direta ao primeiro tópico de que ele trata: a organização e coesão das gangues de pixação. Quais as especificidades, “rituais”, técnicas e afetividades que se desenrolam no interior destes grupos são pontos trazidos a partir do campo pesquisado.

Também neste trecho final do trabalho faço uso mais específico da denominação *outsider* trazido dos estudos de sociologia do desvio de Howard Becker, descrevendo, segundo essa perspectiva teórica, as relações que se estabelecem entre as gangues de pixadores e o conjunto social externo a elas, ressaltando a possibilidade do sujeito pixador, assim como de outros sujeitos, de manipular categorias consideradas normais e desviantes simultaneamente.

Por último, traço uma reflexão a partir dos discursos reverberados na mídia sobre a pixação. Por um lado há uma disposição dos próprios pixadores em estar nas páginas de jornais para publicizar alguma conquista pessoal ao pintar monumentos ou prédios altos. Por outro, existe um risco de exposição nas páginas policiais já que os veículos tendem a enquadrar a prática como crime e associa-la a outras atividades consideradas ilícitas.

Quanto aos dois termos aqui utilizados como título do capítulo, ambos tratam, em primeiro lugar, da construção social em torno deles mesmos e, em segundo lugar, da diversidade de significados que pretendem explicá-los. Carla Coelho de Andrade aponta que,

uma galera é uma turma unida de amigos que costumam sair juntos para se divertir, para “curtir”, ir à festas, shows, que se reúnem para ouvir musica, conversar, consumir drogas, estando sempre prontos para defender e proteger uns aos outros: “O que rola para um, rola para todos”. As galeras, descritas desse modo, possuem elementos que são característicos das gangues, que também são formadas por grupos de amigos que se unem com esses mesmos propósitos, que se auto-protegerem, mas que acrescentam à razão de estarem juntos: as brigas e rivalidades com outros grupos, a defesa de um território, o objetivo explícito de roubar, assaltar ou cometer algum delito. A violência e a transgressão são apontadas pelos jovens como elementos diferenciadores entre gangue e galera. (ANDRADE, 2007, p. 124-125)

Durante as entrevistas pude perceber que, por um lado, os meios de comunicação recorrentemente utilizam o termo gangue de forma pejorativa, reproduzindo um discurso policial de que essa forma de associação está ligada a grupos

de jovens infratores, associados a delinquência e violência. Por outro lado, os pixadores oscilam quanto ao significado do termo, ora reproduzindo o que é repercutido pela mídia, relacionando-o à violência, ora utilizando gangue como sinônimo de galera. A fala do informante é ilustrativa a esse respeito quando Neon afirma que “porque também o pixo, eu sempre corri para o lado do pixo, mas nunca foi pela gangueragem de briga e de formação de quadrilha, entendeu?”.

Tito também fala de ter perdido amigos durante o período em que pixou:

Eu mesmo não fui muito por esse lado não, gostava mesmo só de pixar mesmo. Só disso. Mas isso acontece mesmo. Já perdi amigo meu, que botei no mundo da pixação, não durou 3 anos morreu. Ele começou pixando, rabiscou os outros. Até o finado Elder também, começou pixando, já começou fazendo umas paradas né. Ai já deu tiro nos outros né, ai já...

Mas quem são os sujeitos que realizam essas intervenções e contravenções na cidade? O que pensam? Como se organizam? Essas são algumas das perguntas para as quais busquei respostas no capítulo que se segue. Mais do que formas de associação violentas, gangues e galeras de pixação têm organização interna complexa e forte relação com o meio em que se inauguram, no caso descrito nessa pesquisa, as periferias do Distrito Federal. Suas regras e trocas simbólicas se constroem a partir do repertório pessoal e social de seus membros, mas também a partir do que se estabelece como cultura de grupo ou “gangueragem”. A rua deixa de ser apenas lugar físico e se transforma em espaço construído e carregado de significado para aqueles que, como Astro, a assumem como espaço de expressão e interação:

Nós anda na rua e fica visualizando, porque é um meio de comunicação pra nós. Pra quem não tá envolvido a pixação é só sujeira, é só poluição visual, mas pra nós não, é comunicação. Você vê quem morreu, quem tá pixando, quem tá parando, quem é os melhor, quem destaca mais.

O que Flecha deixa claro em sua fala é um traço das características dos grupos de pixação. Existe um contexto de criação de códigos, de redes de reconhecimento e também de secretização, como já colocado. Ainda que busquem um público grande nas ruas para dar visibilidade às suas conquistas como pixadores, é necessário manter-se invisível para a polícia, para os patrões e mesmo para algumas pessoas do bairro.

Portanto, ainda que se reconheçam por suas assinaturas, mantêm parte dessas relações de destaque restritas aos grupos ou ao ambiente familiar, como pude notar no decorrer das entrevistas, por receio das reações de outros grupos ao descobrirem eles são pixadores. No caso dos familiares são, em geral, as mães que sabem do envolvimento de seus filhos ou filhas com a pixação, seja por reconhecer nas ruas os desenhos deixados por eles em seus cadernos, apostilas, etc ou pelas passagens destes pela Delegacia da Infância e da Adolescência – DCA. Tito comenta:

Já dei nome falso umas 30 vezes, mais ou menos. No meio da via eu falava: meu nome é Ailton, não sei o que, não sei o que. Eu não andava com documento, ai eles nem paravam, nem fichavam não. Minha mãe já foi me buscar na DCA um monte de vez.

O jogo de oposição entre a visibilidade e a invisibilidade se deve ao fato de a prática ser ilegal, mas também pelo processo de *rotulação* (BECKER, 2008) dos veículos de comunicação e da própria legislação, que a situam socialmente como vandalismo e desordem.

Durante a realização da pesquisa, identifiquei que, em alguns casos, pixação está associada também a outras atividades consideradas ilícitas, como a prática de furtos, porte ilegal de armas e tráfico de drogas. No entanto, acredito que essas questões não bastariam para perceber os grupos de pixação como gangues e galeras associadas exclusivamente a processos violentos. Existem, pois, ambiguidades que precisam ser consideradas e problematizadas, e que conferem grande complexidade a esta prática.

Dentre os oito informantes, cinco afirmaram terem envolvimento apenas com a pixação, não tendo nenhuma passagem pela polícia por qualquer outro delito. A exemplo do que cita Alba Zaluar sobre as *galères* existentes em Paris, na década de 1970, os grupos de pixação,

Não são articulados a organizações criminais e seus membros não adquirem compromisso com a delinquência como meio de vida, estando mais perto da sociabilidade solta, (...) das atividades criminais intermitentes, transitórias e de pequena gravidade. (ZALUAR, 1997, p. 32-33)

No entanto, pelo acesso facilitado a armas de fogo em relação à realidade francesa distante no tempo, as gangues e galeras brasileiras guardam algumas semelhanças também com grupos norte-americanos, que têm a violência como traço

mais forte, segundo a autora (ZALUAR, 1997). Ainda que os pixadores tenham nos grupos uma relação de afetividade, sociabilidade, solidariedade, adrenalina e aprofundamento das relações com o bairro e com a cidade, em algumas situações registra-se o envolvimento em “guerras” com grupos rivais que poderiam começar em boates, ou em grandes eventos como a Micarecandanga. Em alguns casos esses conflitos poderiam gerar acertos de contas, ameaças ou mortes, mas em outros, não se estenderiam além do local em que foi iniciada a briga ou confusão. Isso significa dizer que, durante a pesquisa de campo, percebi um número expressivo de informantes que não estão ligados a redes de associação criminosas, mas também tive contato com informantes que foram acusados e condenados.

3.1 Gangueragem

“Era companheira, muito companheira mesmo.” Essa é a fala do informante Rogê sobre a relação dele com a turma de pessoas que conheceu na gangue de pixação da qual fazia parte. Mais do que uma aproximação por interesses comuns, há uma relação de amizade e companheirismo que pode ser estabelecida antes mesmo de fazer parte destes grupos. No caso de Rogê, quando convidado para fazer parte da Anjos, Grafiteiros e Escaladores – AGE (gangue já extinta no DF), ele foi acompanhado de outros amigos de escola, levando relações anteriores à pixação para esse novo contexto.

Ai a gente começou na escola, uma galerinha de 3, 4, 5 pessoas, era eu, o nego Dred, tinha até umas meninas, que andava e pixava com a gente, grupo de escola, né. (...) quando pegamos o spray e pixar na rua, ai foi quando recebemos um convite né, inventamos de formar uma galerinha mesmo e, foi só crescendo, ai depois a gente formou um, recebeu um convite pra entrar na AGE, ai já virou gangue né, já era gangue mesmo que já tinha em vários lugares de Brasília.

Ao longo das entrevistas evidenciaram-se laços que são também afetivos e duradouros. Laços estes que me possibilitaram a inserção em uma rede de contatos, amigos, conhecidos e “chegados” dos informantes, ou seja, tive acesso a redes que se formaram ao longo da carreira dos pixadores com quem tive contato. Em alguns casos, o vínculo chega a ser bastante pessoal, quando são padrinhos dos filhos de antigos companheiros de galera ou gangue. Partindo disso, percebe-se que as associações destes grupos não partem de contratos rígidos. De acordo com David da Costa Aguiar de Souza,

As regras de associação geralmente obedecem a critérios primários: grupos de amigos da rua, do prédio ou da escola que entram juntos na atividade e desenvolvem sua sigla, tendo-a como elemento indispensável à identidade do pichador” (SOUZA, 2007, p. 48).

No entanto, ainda que não haja uma relação extremamente rígida, as gangues de pixação possuem um jogo de regras e um vocabulário gráfico característico, e isso é marcante na delimitação das identidades individuais e de grupo. As *tags* representam o pixador, mas também a gangue da qual ele faz parte. Quando o indivíduo entra em uma gangue, ele passa a representar também aquela coletividade, fazendo parte de seu conjunto de regras e exigências, que mesmo não descritas em códigos formais são compartilhadas dentro do contexto do grupo.

Um dos primeiros passos quando o sujeito entra em uma gangue é adotar um apelido ou nome de rua, como explica Flecha

a primeira coisa é igual a mãe. (...) A rua é a mesma coisa. Para você entrar nela., você tem que ter uma preparação, a primeira coisa é mudar o nome. Achar u nome que vai te identificar. Um nome forte, com resistência. Que você quando faz parte, quando cria esse nome, o segundo passo é espalhar. Criar um respeito nas ruas, tentar, procurar, respeitar as regras que já tem.

O apelido, que posteriormente se torna *tag*, é uma *informação social*, que ao ser transmitida pode, nos termos de Erving Goffman “estabelecer uma pretensão especial a prestígio, honra ou posição de classe desejável” (GOFFMAN, 2008, p. 53). Representa um lugar de fala do sujeito como pixador e permite sua inserção e reconhecimento por parte de seus pares.

Mas só o apelido não é suficiente para caracterizar o ingresso e a participação em alguma gangue. O pixador aspirante à gangue frequentemente deve “pagar” algum tipo de pedágio, geralmente aos fundadores do grupo ou membros que conquistaram prestígio e *status* de autoridade internamente. Em alguns casos lhes é exigido algo material como um “pano”, que pode ser uma camiseta, ou um tênis, por exemplo. Mas, em outros casos, é necessário passar por uma espécie de prova de iniciação ou superar algum desafio, como conta Sandrão: “Quantas bermudas eu já ganhei? bermudas, videogame, dinheiro. (...) Tinha esse esquema de pedágio, e tinha que mostrar que você gostava de pixar e pixar no lugar que era difícil.”

Rogê também fala sobre sua experiência como lideranças em gangues de pixo.

O Decto era o líder, como ele foi embora para Belo Horizonte, aí eu fiquei sendo o líder. Eu conhecia todo mundo, porque todo mundo para entrar, na época na AGE falava comigo, né?!

Antigamente neguinho pedia roupa, essas coisas. Eu não. A galera gostava de colocar a galera que tinha atitude. Por exemplo, eu determinava um local pra pinxar, um local difícil pra pinxar e comparecer no encontro que a gente fazia. E depois, passava pelo batizado. (...) Daí, determinava uma reportagem. Pinxava num local que tinha reportagem, entendeu? Que dava repercussão. Podia nem dar matérias, mas um local difícil e que todo mundo tinha acesso.

O pixador poderia sair para pixar sozinho, mas a decisão por associar-se a um grupo lhe permite conhecer mais pessoas, criando uma rede de contatos e também de proteção. Com a rivalidade entre gangues, estar sozinho pode representar um risco, caso os membros de outros grupos o encontrem. Mas não só o indivíduo ganha com essa associação. A relação de benefícios entre ele e a gangue é mútua. Quanto maior o número de participantes e maior presença na cidade, não só o sujeito ganha notoriedade, mas também a sua sigla da gangue que segue ao lado de sua *tag*. Essa notoriedade permite que os pixadores entrem em boates sem pagar nada ou façam sucesso com as meninas.

“Comecei no caderno, né, fazendo caneta. Depois a gente começou na escola, banheiro essas coisas, na parede e no quadro”, declara ROGÊ. Os primeiros alfabetos criados pelos pixadores são feitos de caneta esferográfica em seus cadernos escolares, ou nas carteiras do colégio, no interior dos ônibus. Antes da primeira lata de *spray*, são diversos os materiais utilizados para pintar a cidade. O que importa é “bombardear” as paredes, na gíria do grupo. A caneta esferográfica tem uso bastante recorrente entre os

pixadores, assim como esponjas, rolos para pintura e tubos de tinta para sapato que vem com esponja embutida. Mas é o *jet*⁵ que dá agilidade aos rolês pela madrugada e permite desenhos de letra cada vez mais elaborados.

Atualmente outras técnicas têm destaque, devido a sua capacidade de imprimir letras mais fortes e que possam ser vistas com mais distância. O uso de borrifadores permite grafias largas, pois a tinta sai com mais pressão e se espalha com facilidade. Esse instrumento ainda permite alcançar alturas cada vez maiores sem sair do chão.

Da mesma forma, os extintores de incêndio chegam ao segundo, terceiro, quarto andar de alguns prédios sem que o pixador precise se arriscar escalando as partes externas de edifícios. Todo o conteúdo destes equipamentos é retirado e eles são preenchidos novamente com tinta preta. Ao serem acionados, um jato pinta, rapidamente, toda uma fachada.

Essas técnicas se relacionam com a corporalidade do pixador e também com suas possíveis limitações para alcançar prédios altos e marquises. Nesse sentido, novas ferramentas trazem às gangues novos acessos no contexto da paisagem urbana.



Figura 6 – Pixação feita com spray em residências na W3 sul

⁵ *Jet* (do inglês ...). “Espécie de metonímia relativa à tradicional marca Colorjet” (SOUZA, 2007, p.31)



Figura 7 – Bomber em muro da W3 sul



Figura 8 – Pixação (CKS) feita com borrifador na parte superior e demais assinaturas feitas com spray

Nas fotos acima podemos observar os seguintes estilos de pixações: *tags* desenhadas com spray, *bomber* e, por último, letras desenhadas com borrifador. Todas elas foram realizadas na W3 sul.

Mas, além de visibilidade, os pixadores buscam prolongar sua assinatura no tempo, como afirma o informante Feroz: “Eu já olho, vejo, analiso primeiro, não saio pegando qualquer lugar. Tem lugar que não vale a pena, que você pixa hoje e amanhã já tá limpo.”

Muros de pedra e marquises mais altas são exemplos de locais dos quais as *tags* dificilmente serão removidos. As portas de estabelecimentos comerciais, como vemos na região comercial de Taguatinga e na via W3 Sul, no Plano Piloto, também são

locais privilegiados pela quantidade de pessoas que transita pelas duas regiões e por serem pintadas com menor frequência do que muros residenciais.

As técnicas e estratégias de grupo, portanto, passam por esse tipo de reflexão. Em busca desses locais, alguns pixadores relataram que saem durante o dia para procurar paredes brancas e de destaque que possam ser pintadas durante a madrugada. Tal método também lhes permite chamar menos atenção durante a ação, evitando assim uma abordagem policial.

Todos os elementos de prestígio para os pixadores, entre seus pares, podem assumir outro desenho, quando se pensa em grupos externos à prática. A abordagem policial acontece porque esta é uma prática condenável social e legalmente. Assim sendo, se estabelecem formas de interação entre os valores e práticas das gangues de pixadores e de outros grupos com valores distintos. Nesse caso, considera-se as relações com a organização social hegemônica, tida como normal, discussão que se segue na próxima sessão.

3.2 O pixador como *outsider*

O termo utilizado nessa sessão tópico tem relação com os estudos sociologia do desvio empreendidos por Howard Becker (2008). Ao estudar o uso de maconha entre músicos de jazz o autor trata de comportamentos que são rotulados como desviantes, a partir de noções de regras sociais.

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriadas, especificando

algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um *outsider*. (BECKER, 2008, 15)

Sob essa perspectiva e considerando o que foi dito no anteriormente sobre a relação das gangues com o universo sociocultural hegemônico, assumo que o pixador é um *outsider*. Em tradução livre o termo significa “aquele que está fora”, nesse caso fora de um conjunto de regras. Mas dizer isso, não significa tratar determinados grupos ou sujeitos como se eles estivessem totalmente alheios aos sistemas simbólicos e regras que os rotula. Antes disso, significa que o campo da cultura é um espaço de disputa e poder. Como reflete Mary Douglas (2012),

A ideia de sociedade é uma imagem poderosa. Ela é potente no seu próprio direito de controlar ou estimular homens à ação. Esta imagem tem forma, limites externos, margens e estrutura interna. Seus contornos encerram poder de recompensar a conformidade e repelir o ataque. Há uma energia em suas margens e áreas desestruturadas. (DOUGLAS, 2012, p. 141)

Aplicando essa percepção à pixação nota-se que ela é sim parte da organização social, mas por estar associada a ideia de *poluição* (DOUGLAS, 2012) citada anteriormente, se situa em suas margens. Pode-se observar uma ordem social vigente, no contexto aqui pesquisado, que protege a propriedade privada e o patrimônio público de qualquer tipo de depredação externa uma vez rompendo com esse padrão de organização da estrutura arquitetônica e social das cidades, o pixo precisa ser coibido moral e legalmente.

Moralmente os pixadores são vândalos, conforme discurso reverberado nos meios de comunicação. Legalmente são enquadrados como delinquentes ou criminosos, conforme os termos da Lei 9605/98, que trata de crimes ambientais.

Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano:

Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

§ 1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa.

§ 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber,

pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. (BRASIL, 1998)

A proscricção em lei de um comportamento desviante foi observado também por Howard Becker, mas não seria obrigatória para caracteriza-lo como tal. Qualquer ação que seja vista como prejudicial aos outros indivíduos ou a sociedades pode ser considerada desvio e seus praticantes, *outsiders*. Ao contar parte da história do grafite espanhol, Begoña Saéz traz uma reflexão importante: “Nos anos 80 não havia controle policial em relação ao grafite, mas a partir dos anos 90, quando o fenômeno passa a ser mais conhecido, são criadas leis específicas.”(informação verbal) ⁶.

Ainda que o universo simbólico dos jovens de periferia fosse bastante específico e estivessem sobrepostos a questões sociais, políticas e culturais, o que os enquadra como *outsiders* desde esse ponto de vista, eles ainda não eram reconhecidos como infratores ou criminosos mesmo que sua conduto fosse condenada pela sociedade, pela mídia ou pelas autoridades. Sobre esses processo de rotulação Howard Becker comenta:

Tal premissa parece ignorar o fato essencial sobre o comportamento desviante: é criado pela sociedade. Não quero dizer isto no sentido normalmente compreendido em que as causas do desvio são localizadas na situação social do desviante ou em “fatores sociais” que condicionam seu comportamento. Quero dizer que os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-las a pessoas particulares, marcado-as como *outsiders*. Sob tal ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoas faz, mas sim a consequências de aplicação por outrem de regras e sanções ao 'transgressor'. (BECKER, 2008, p. 21)

A pixação como crime e também como atividade “desviante” existe não apenas pelo fato de que determinados sujeitos a praticarem, mas, principalmente, em função das reações da sociedade. O discurso reverberado na mídia acerca deste tema também pode contribuir para sua rotulação negativa, mas esses sentidos são negociados entre legislador, profissionais de mídia e sociedade e não podem ser compreendidos isoladamente.

⁶ Informação obtida durante curso Nas ruas: grafite e arte urbana na Espanha oferecido no Instituto Cervantes de Brasília pela professora Dra. Begoña Sáez Martínez, assessora de educação da Embaixada da Espanha.

O desvio ou comportamento desviante, típico do sujeito considerado *outsider*, é fruto da ação coletiva, não podendo ser compreendido como exclusivo do indivíduo que o pratica, tal qual estabelece o senso comum. Isso gera um conflito entre “normais” e “desviantes”, ou entre o certo/verdadeiro/correto e o incorreto/errado/falso. As regras estabelecidas socialmente não são universalmente compartilhadas, sobretudo em função das relações de poder que lhes são intrínsecas, por isso, tanto quem cria a regra como quem a viola pode ser assim considerado, já que cada grupo compreenderá o desvio de sua maneira particular, como afirma Becker: “aquele que infringe as regras pode pensar que seus juízes são *outsiders*” (BECKER, 2008).

No caso da pixação isso é bastante claro, conforme elucidado David de Aguiar (2007). Em sua tese de mestrado, o ex-pixador fala do anseio em ocupar o espaço público como busca de uma sociabilidade e não de um isolamento, conforme o senso comum poderia pressupor. Nesse contexto o *outsider* é aquele que formula regras e leis que criminalizam a atividade sem compreender sua dimensão, ou ainda aquele que utiliza o espaço público para a publicidade, essa sim considerada por alguns pixadores como fonte de poluição visual urbana.

Se as normas sociais mais abrangentes, como as normas legais e morais, determinam uma certa previsibilidade no comportamento social, é absolutamente previsível que essas normas não sejam respeitadas por todos e, nesse sentido, o desvio ou comportamento desviante é da mesma forma previsível. (...) O desvio dessa forma, não resulta de um baixo autocontrole do indivíduo, mas sim de uma escolha na qual a própria violação da norma é levada em consideração no cálculo de benefício empreendido pelo sujeito, como em vários outros cursos possíveis da ação (...) (SOUZA, 2007)

Outra discussão em relação as negociações entre condutas consideradas desviantes e a cultura geral ou hegemônica traz a tona o “embate” entre grafite e pixação. Em 2011, a atual presidenta Dilma Rouseff altera o texto da norma, tirando o termo grafitar do Art. 65 e transferindo-o para um novo parágrafo transcrito acima. O grafite deixa então de ser comportamento desviante, desde que seja solicitada autorização prévia.

A hegemonia, aqui considerado nos termos de Jesús Martín-Barbero (2009), antes de denotar imposição, significa disputa de sentidos. Enquanto para Flecha “a pixação é a evolução da escrita” para os que tem seus muros pintados ou mesmo para policiais, não passa de sujeira. Essa impureza/poluição causada pela pixação se transfere

para o sujeito praticante, ao qual caberá um *estigma* (GOFFMAN, 2008). Todo sistema de regras e normas das gangues se baseia na ideia de prestígio e desafio, mas aquilo que é considerado de maneira positiva pelos pixadores, não o é pela sociedade.

Ressalto, portanto que tanto conceito de estigma, como o de *outsider*, aqui utilizados, referem-se à forma como o pixador é percebido por aqueles que, mesmo pertencendo a mesma estrutura social, não compartilham do universo simbólico construído pelas/no contexto das gangues de pixação. Em suma, pode-se afirmar que o *símbolo de prestígio* para uns se converte em *símbolo de estigma* para outros, ainda nos termos de Goffman (2008).

Quando trata destas categorias, o autor descreve a importância da informação social ou aquilo que aos outros é dado a conhecer acerca de algum sujeito. Isso porque, podemos oscilar entre padrões, ora sendo vistos e nos expressando como normais, ora como estigmatizados. Dessa forma, a tendência descrita é a da manipulação dessa informação e das biografias pessoais, deixando aparente apenas aquilo que seja interessante para cada espaço de interação específico. Conforme afirma Erving Goffman:

Deve-se ver, então, que a manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade. (...) Pode-se, portanto, suspeitar de que o papel dos normais e o papel dos estigmatizados são parte do mesmo complexo, recortes do mesmo tecido-padrão. (GOFFMAN, 2008, p 141)

Tal percepção se apresenta como relevante na análise das práticas e formas de sociabilidade dos pixadores. Entre os parceiros de gangue é importante que se dê visibilidade às conquistas de fachadas mais altas ou de manchetes de jornais, já entre os familiares e demais sujeitos externos à prática há desaprovação, portanto, é preciso limitar o acesso a essas informações, como ao próprio fato de pertencer a uma gangue de pixadores, como conta Feroz:

Porque as vezes o cara não gosta. As vezes não quer sofrer o preconceito né. Porque tem gente que já fala: Ah tu é pixador. Não! Eco! Tira mesmo. Aí ele sai falando que é grafiteiro, ele acha que o pessoal vai ver eles de outra forma.

A fala do informante evidencia que há um jogo entre a visibilidade e a invisibilidade da identidade do pixador para permitir que ele circule por outros espaços de interação sem ser julgado segundo essa categoria. Branco corrobora essa afirmação ao falar sobre o sentido da pixação para: “para mim é, é fama e esconderijo porque para a maioria das pessoas que passam num reconhece, as vezes não reconhece sua letra, mas isso é bom demais.”

A partir dessas duas falas é possível perceber que a principal ferramenta para manipulação das informações sociais é o segredo. Além de garantir aos pixadores que desenvolvam outras atividades sem que sejam reconhecidos como tais, também lhes permite manter aspectos de coesão e camaradagem nas gangues, para que a prática tenha continuidade.

3.3 Mídia e discurso social

A mídia também representa elemento importante na compreensão da visibilidade/invisibilidade que faz parte das interações da pixação, fato demonstrado desde o início desta pesquisa. Nesta pesquisa, o primeiro contato com os discursos sobre a pixação se deram por meio de matérias jornalísticas tanto na televisão quanto em jornais impressos e revistas. O contato com Sandrão, que se converteu, posteriormente, em informante privilegiado, também se deu em função de uma reportagem onde ele era um dos entrevistados, como relatado anteriormente.

Mas além das questões que tratam do percurso de campo, pude observar relações de ambiguidade com a mídia. Ao mesmo tempo em que fui questionada por informantes quanto ao uso das informações das entrevistas pelo fato de ser uma estudante de jornalismo, percebi nos relatos de todos os oito informantes um desejo de mostrar suas

tags em algum veículo de comunicação, como mostra a declaração de Feroz logo abaixo:

Pô, é legal. Você vê. Pô, Minha pixação na televisão né. Que massa. Eu acho legal. Um dia desses passou uma minha no jornal nacional, eu não vi, eu fiquei sabendo só. De relance. Tava fazendo uma reportagem aí a câmera ficou focado nas pixação uns 30 segundos. Pô, achei legal.

Feroz exemplifica a relação entre projeção e fama que os pixadores desejam conquistar dentro e fora as gangues. Ele não assistiu à edição do telejornal que exibiu seu trabalho, mas o fato do local pintado por ele se transformar em notícia e isso repercutir junto aos seus “chegados” faz parte da construção de sua identidade e projeção como pixador.

Essa afirmação, no entanto não invalida a preocupação apresentada acima quanto a uso de informações sobre os pixação pela mídia. Ainda na introdução, quando menciono a resistência de um pixador em falar comigo, por medo de ser entregue a polícia, há sinais de como essa relação se estabelece. De modo geral, as abordagens jornalísticas acerca do tema seguem uma perspectiva normativa, criminalizando a prática nos mesmos termos que a legislação o faz.

Ainda que a abordagem desta pesquisa não se detenha mais profundamente em um estudo de mídia e/ou análise de conteúdo, durante a realização do trabalho foi importante observar como os veículos de comunicação e os discursos disseminados ou reverberados por eles podem influenciar as relações simbólicas, culturais, sociais e mesmo jurídicas entre grupos de interesse divergente. Quando trata sobre a relação entre a mídia e as sociedades modernas, John B. Thompson afirma que “a imprensa também tornou mais fácil acumular e difundir dados sobre os mundos natural e social, e a desenvolver sistemas padronizados de classificação, representação e prática” (2011, p. 91).

No trecho citado o autor trata de relações mercantis e da forma como a imprensa e a disseminação de informações, desde tabelas para cálculo de custos de bens até comportamento moral e boas maneiras, contribuíram para o desenho de um certo tipo recorrente de relações sociais estabelecidas nas sociedades modernas.. No caso do objeto da pixação, podemos ressaltar o papel da mídia como difusora de um pensamento moral hegemônico que reforça o estigma da prática e também de seus praticantes.

Como exemplo, observar-se a ampla divulgação de programas para recuperação de jovens pixadores, como o *Picasso não Pichava* e também de campanhas para limpeza da cidade e uso de tinta anti-pixação.

Como pode destacado na fala do informante Neon, falar em pixação está sempre acompanhado de algum julgamento moral: “[Alguma pixação sua assim, já saiu no jornal?] Já, saiu velho. Inclusive quando a gente a mandar de borrifador teve um jornalzinho que mostrou, tipo, pixações escandalosas, porque era alta, preta, escorrida.”.

Não assumo, nesta pesquisa, a perspectiva normativa dos meios e, tampouco, considero a existência de um processo de recepção passiva de determinados conteúdos. Antes, entendo que existe uma negociação de sentidos entre mídia e sociedade, mas como parte considerável das informações a que temos acesso ainda provém dos meios de comunicação estabelecidos como rádio, TV e jornais de grande circulação, cabe demarcá-los como enunciadores de um discurso normativo e condenatório, uma vez que reproduzem a percepção legal sobre a pixação na construção de sentidos de nossa sociedade. Sobre esse papel da mídia Thompson afirma:

Os grandes conglomerados da comunicação emergiram e assumiram um crescente e importante papel no domínio da mídia (...) Estas grandes concentrações de poder econômico e simbólico forneceram as bases institucionais para a produção de informação e conteúdo simbólico e sua circulação (THOMPSON, 2011, p. 113)

Esse processo de construção de hegemonia de um discurso e de práticas sociais, em detrimento de outras, não se dá de maneira absoluta, mas a partir da negociação de simbólicas, culturais e também políticas que se fazem, desfazem e refazem permanentemente, como afirma Jesús Martín-Barbero (2009) a partir de sua perspectiva de *mediações* descrita a seguir.

Assim a comunicação tornou-se para nós questão de *mediações* mais do que de meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos mas de reconhecimento. (...) A vigência, a densidade e a pluralidade das culturas populares, o espaço de um conflito profundo e uma dinâmica cultural incontornável. (...) Não podemos então pensar hoje o popular atuante à margem do processo histórico de constituição do massivo: o acesso das massas à sua visibilidade e presença social, e da massificação em que historicamente esse processo se materializa (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 28-29, grifo do autor)

Ao tratar da cultura popular, a reflexão do autor traz um dado importante acerca do reconhecimento das expressões culturais e simbólicas que não se incluem nos códigos da cultura hegemônica, reiterando uma construção não de dicotomia ou oposição entre elas, mas de coexistência e interlocução. Assim sendo, propõe que os meios de comunicação, embora importantes para a elaboração de um discurso social, não são absolutos frente aos receptores. Os sentidos do que é veiculado são negociados a partir dos repertórios pessoal e coletivo dos sujeitos que constituem a audiência.

Essa perspectiva permite relativizar a mídia como espaço absoluto de poder, e assumir que os indivíduos-receptores, também são parte do sentido produzido pelas mensagens. A partir disso quero dizer que a perspectiva normativa da mídia em relação à pixação não deve ser vista como unilateral, tampouco como fruto de um pensamento encerrado a ela, mas antes caracteriza-se como um discurso social reverberado com sua audiência. Atribuir um estigma ou rótulo à pixação a partir de regras sociais hegemônicas faz parte da visão condenatória sobre a prática e reverberada pela mídia, atuando como porta-voz e construtora dos discurso da opinião pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tratou das relações das gangues de pixação do Distrito Federal a partir da perspectiva de um grupo de informantes de pixadores, ex-pixadores e grafiteiros. Mais do que avaliar as visões construídas sobre o tema na mídia ou nos discursos normativos da Lei, fiz incursões em campo em um trabalho de inspiração etnográfica que me levaram às relações estabelecidas entre chegados dentro das gangues, suas características como grupo, regras e também sua visão sobre temas como a violência ou a desigualdade nas periferias de grandes centros.

Os discursos normativos, a percepção de alteridade ou a relação com a paisagem urbana são todos temas que permeiam a prática da pixação e são retomados ao longo do trabalho. Isso conduziu uma abordagem do fenômeno como *fato social total* nos termos de Marcel Mauss, trazendo as dimensões cultural, social, jurídica e política para esses estudo. Em relação aos pixadores, a relação é a mesma, na medida em que a construção de sua identidade também é permeada por leituras diversas. Ela passa pelos sentidos de projeção, fama, visibilidade, mas também precisa ser ocultada, na medida em que gera ao sujeito um estigma diante de outras pessoas e das normas sociais.

Vale demarcar, ainda, que as questões políticas e temas como a desigualdade social também estão presentes nesse contexto. A pesquisa de campo foi realizada na região administrativa da Ceilândia mas, no decorrer das entrevistas, o objeto e as redes de relacionamento dos pixadores conduziram a outras regiões do Distrito Federal. No trajeto geográfico e intelectual que percorri foi possível observar como a pixação constrói novas territorialidades, a partir de uma visão de periferia. Para entender parte dessa prática e da realidade dos pixadores é preciso perceber as implicações de estar inseridos nessa paisagem e os temas que se associam a ela como as dificuldades de mobilidade urbana e de acesso ao espaço público que se ampliam diante da conformação do espaço do Distrito Federal, que cria distâncias entre regiões periféricas e o Plano Piloto onde se concentram a maioria dos serviços e também dos empregos.

O rapper GOG traz uma reflexão importante, nesse sentido.

Aqui a visão já não é tão bela
Brasília periferia santa maria é o nome dela
(...)
Onde que só rola me desculpem os roqueiros os metaleiros
É só rap forró e samba os verdadeiros sons do gueto
(...)
Mas só pra te lembrar
Periferia é periferia em qualquer lugar
É só observar

Baú sempre lotado vida dura
Cheia de sonhos
(...)
O centro de erradicação
De invasões criadas no governo
Medici prepare-se pois a área
Não tem nada haver com a disneylândia
C.i. pra quem não sabe é a Ceilândia
To em casa aqui os chegados sempre respeitaram as caras
No quarentão no santana no primão paradão
No sol e água bernardo saião
Altos bailes blacks
Se o riacho tem gog ceilandia tem x
E atitude não para por ai
Os 3S DF zulu sociedade anônima

(Trechos da música **Brasília Periferia** do rapper GOG)

O trecho do rap acima retoma diversas reflexões importantes. A primeira delas, já demarcada, trata das questões do território e das relações estéticas, simbólicas e políticas que se conformam a partir e com ele. A segunda trata da importância do próprio rap nas periferias, situação que também se aplica às gangues de pixação. Ainda que não tenha me detido no tema ao longo do trabalho, vale ressaltar que os pixadores saem juntos, criam redes de relação e também organizam festas das gangues para que todas possam se conhecer. Nessas festas o som que prevalece é o rap, como conta o informante Feroz:

Todo mundo que pixa com certeza gosta de rap. (...)Tem a festa da LUA. Rola a festa da LUA e rola só rap na festa. Rap e outros tipos de musica, mas o primeiro é rap.(...) Porque é o som que todo mundo gosta né. Voltado pra periferia, e tal. Galera gosta mais. Um som que nasceu na periferia e a pixação também nasceu na... grande parte das galeras também nasceram na periferia, então, todo mundo gosta.

A última reflexão reitera essa aproximação entre o rap e outras manifestações culturais de periferia. Ela se refere à citação dos “3S” e da “DF Zulu”, *crews* de grafite das quais o informante Sandrão faz parte, chamando as mesma de sociedades anônimas. Nesse caso, ainda que não sejam grupos de pixação, em 1994, quando a música foi lançada, o grafite ainda era considerado crime previsto em lei. Ou seja, além de expressão artística, o rap traz também essa marca política, por reverberar um discurso que não é aquele que norteia as regras sociais hegemônicas.

Vale retomar, ainda, a dimensão artística trazida pelos informantes. Rogê fala da pixação como uma possibilidade de ser famoso. Já que não podem ser artistas na periferia, a pixação é sua forma de expressão, e Flecha destaca em uma de suas falas a forma como a estética das pixações e do grafite servem de inspiração para a criação de fontes. Ainda nesse sentido Feroz destaca porque se tornou pixador: “Por causa das letras, as letras antigamente era muito mais bonitas que as de hoje. Que hoje em dia o pessoal só escreve o nome na parede né. Antes o pessoal enfeitava, desenhava, era até difícil de ler. Gostava por causa das letras.”

Por fim, há uma dimensão de corporalidade nos rolês e nas técnicas criadas pelas gangues. Percorrer longas distâncias de bicicleta ou a pé, se arriscar dependurado em viadutos ou em marquises ou correr da polícia são etapas que exigem do pixador um preparo e uma relação de conhecimento com o espaço explorado para pixar. Neon fala sobre o desgaste das caminhadas.

tenho uns amigos velho, tipo, eu tenho um amigo, amigo meu mesmo conhecido, que a gente troca ideia, mas não é meu amigo, amigo, assim. Ele já pixou muito de pé e de bike. Muito mesmo, e eu não vou citar nome, mas ele são uma dupla, sacou? Esses dois, o mais velho me fala isso. O mais velho parou de pixar porque as pernas dele, não aguentam mais velho. Tipo, ele fala, ele já pixou muito, desde, do Psul até Braslândia. Do Psul até o lago. E tudo de pé ou de bike. Ele fala assim, que não pixa mais, porque ele não consegue. Ele é humilde, ele não tem carro. Mas ele falou que a cota de andar, de subir, de pular dele já foi, que as pernas dele, que ele tá pagando, porque hoje em dia ele tá num cansaço muito cabuloso,

Pelas dimensões apresentadas acima e ao longo do trabalho, concluo que a aproximação da comunicação com o campo da antropologia foi fundamental, pois permitiu, mais do que compreender a dimensão comunicativa dos textos-pixação, aproximar-me do contexto de criação destes e dos significados que antecedem a prática, as *tags* no muro, todos permeados pelas relações sociais e simbólicas entre sujeitos e cidade.

GLOSSÁRIO

Anarquizar: rabiscar ou pixar sobre a pixação de outra pessoa. É uma forma de desafiar outras gangues e de determinar uma relação de pertencimento e/ou posse sobre determinada território da cidade.

Bomber: nome de um estilo de pixação feito com letras de desenho mais grosso que podem ser coloridas. Geralmente, tem apenas uma ou duas cores, devido à rapidez com que deve ser feito;

Chegados: amigos e parceiros de pixação;

Galera: grupo de pequeno número de pixadores que mantêm vínculos afetivos e dificilmente está associado a atividades de disputa com outros grupos;

Gangue: grupo de grande número de pixadores que, igualmente, mantêm vínculos afetivos, mas também relações hierárquicas de liderança. As gangues também podem estar associadas a atividades violentas quando se trata de disputa com outros grupos;

Gangueragem: termo que se refere ao comportamento de um sujeito quando faz parte de uma gangue. Representa uma atitude do pixador diante dos pares, mas também diante do mundo. Demarca a construção da identidade do sujeito e sua forma de estar no mundo;

GDF (sigla de gangue): Grafiteiros do Distrito Federal;

GSL (sigla de gangue): Grafiteiros Sem Lei;

Guerras: disputas entre gangues de pixação;

LUA (sigla de gangue): Lunáticos Unidos pela Arte;

Pixo: termo utilizado pelos informantes como abreviatura e/ou sinônimo de pixação;

Rolê: saída, preferencialmente noturna, para pixar;

Tag: (do inglês: etiqueta, marca) assinatura criada por cada pixador, como parte de sua identidade;

Vandalizar: sinônimo de *anarquizar*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. Brasília: UnB, 2007.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORELLI, Silvia Helena Simões e OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves Oliveira. **Vida na Metrópole: Comunicação visual e intervenções juvenis em São Paulo**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN – de setembro de 2008, disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0580-1.pdf>> (consultado em 22/10/2013)

BRASIL. **Lei nº 9605**, de 12 de fevereiro de 1998

CAMPOS, Ricardo. **A imagem é uma arma, a propósito de riscos e rabiscos no Bairro Alto**, *Arquivos da Memória*, n. 5/6 (Nova Série): 47-71, disponível em: <<http://www.ceep.fcsh.unl.pt/ArtPDF/RicardoCamposAM5.pdf>> (consultado em 22/10/2013)

CIDADE, Lúcia Cony F. **Ideologia, produção da espaço e apropriação da sionatureza no Lago Paranoá**. In: Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora UnB, 2010

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012

DUARTE, Pedro R. **Paredes...que falam: as pichações como comunicações alternativas**.

_____. **Estética Comunicativa das pichações**. In: XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1121.pdf> (consultado em 22/10/2013)

_____. **Provocações e ação do signo: “pichações”**. In: Processo semióticos em Comunicação. Organização - Pedro Russi. Brasília: Editora UnB, 2013

FONSECA, Cristina. **A poesia do acaso: na transversal da cidade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

FURTADO, Janaína R e ZANELLA, Andréa Vieira. **Graffiti e pichação: relações estéticas e intervenções urbanas**. In: Visualidade. Revista do mestrado em cultura visual. FAV- UFG v 7, n 1. Goiânia: UFG, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/18123>> (consultado em 22/10/2013)

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** – 4ª ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2008

GOETTERT, Jones Dari e MONDARDO, Marcos Leandro. **Territórios simbólicos e de resistência na cidade: grafias da pichação e do grafite.** Terr@ Plural, Ponta Grossa, 2 (2): 293-308, jul./dez., 2008, disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/viewFile/1181/893>> (consultado em 22/10/2013)

GOITIA, Fernando Chueca. **Breve História do Urbanismo.** 4 ed. Lisboa: Presença, 1996

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia.** 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MARTINELI, Fernanda C. **Pirataria S.A.: circulação de bens, pessoas e informação nas práticas de consumo.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** In: *Sociologia e Antropologia*. 4 reimpressão. Cosac Naify, 2011

MCCRACKEN, Grant. **The Long Interview.** In: *Sage University Paper Series on Qualitative Research Methods*, v. 13. Beverly Hills, CA: SAGE, 1988

OLALQUIAGA, Celeste. **Megalópolis: sensibilidades culturais contemporâneas.** São Paulo: Studio Nobel, 1 ed., 1998

PAVIANI, Aldo. **A metrópole terciária: evolução urbana socioespacial.** In: Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora UnB, 2010

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento.** Rio de Janeiro: UFRJ /IFCS, 2007.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** 12 ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

WHYTE, Willian Foote. **Sociedade de Esquina.** Zahar, 2013. E-book

ZALUAR, Alba. **Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência.** In: Galera Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Organização - Hermano Vianna. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997